



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**



Raul Silvestre Benitez Aguilera

O PAJUBÁ FALADO NO PROGRAMA *DRAG RACE* BRASIL

Campo Grande - MS

2024



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



Raul Silvestre Benitez Aguilera

O PAJUBÁ FALADO NO PROGRAMA *DRAG RACE* BRASIL

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: *Estudos Linguísticos*

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros

Campo Grande - MS

2024

A235o Aguilera, Raul Silvestre Benitez

O pajubá falado no programa *Drag Race Brasil* / Raul Silvestre Benitez Aguilera. –
Campo Grande, MS: UEMS, 2024.
91 p.

Dissertação (Mestrado) – Letras – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul,
2024.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros

1. Pajubá. 2. Variação sociolinguística. 3. Linguagem LGBTQIAPN+ 4.
Sociolinguística 5. *Drag Race Brasil*. 6. Identidade social. I. Barros, Adriana Lúcia de
Escobar Chaves de. II. Título

CDD 23. ed. - 417.22



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



RAUL SILVESTRE BENITEZ AGUILERA

O PAJUBÁ FALADO NO PROGRAMA *DRAG RACE* BRASIL

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: *Estudos Linguísticos*

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros

Campo Grande - MS

2024

COMISSÃO AVALIADORA

Profa. Dra. Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros – Orientadora
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS

Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes – Membro Titular
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS

Prof. Dr. Danie Marcelo de Jesus – Membro Titular
Universidade Federal do Mato Grosso - UFMT

Profa. Dra. Ana Paula Tribesse Patrício Dargel – Membro Suplente
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS

Profa. Dra. Nara Hiroko Takaki – Membro Suplente
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS

Campo Grande, 27 de Setembro de 2024

*Em memória de minha querida mãe, Pabla Elena Aguilera de Benitez,
inspiração e exemplo de vida, com gratidão por todo o
amor e incentivo que me deu em vida.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a dádiva da vida e por ter chegado até aqui.

Agradeço de forma especial à Profa. Dra. Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros. Sua sabedoria e paciência foram guias inestimáveis durante este percurso. Seu apoio constante no campo acadêmico foi fundamental para a realização deste trabalho, e sou imensamente grato por tê-la ao meu lado como conselheira.

Agradeço também a toda a banca de professores que se dispôs a analisar e a assistir a defesa desta dissertação. Suas contribuições e correções foram essenciais para meu crescimento enquanto pesquisador.

Minha gratidão também se estende a meus amigos e companheiros de caminhada na vida, Renato e Úrsula, que se tornaram irmãos que a vida me trouxe. Vocês foram, em todos os momentos, minha rede de apoio e sustentação. Cada palavra de incentivo, cada gesto de carinho, e cada demonstração de confiança em mim foram combustíveis essenciais para que eu pudesse seguir em frente, mesmo nos momentos mais desafiadores.

Às minhas irmãs e irmãos de caminhada acadêmica, Adri Amaral, Ramildo, Geane, Carla, Vicky e Gabriel que trilharam ao meu lado com determinação e cumplicidade, minha eterna gratidão. Vocês foram mais que colegas de estudo, foram companheiros que compartilharam angústias, alegrias e vitórias, tornando esta jornada mais leve e significativa.

Serventia pajubeyra
Para pagar as palavras
Desbotar os sentidos
Rasurar a semântica
E sambar nenada na cara da sociedade
Para isso é que serve o pajubá
(Carlos Henrique Lucas Lima)

AGUILERA, Raul Silvestre Benitez. *O pajubá falado no programa drag race brasil*. 2024. 112f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2024

RESUMO

O objetivo principal é definir a palavra quanto à sua língua de origem, contextualizando-a a uma determinada fala da comunidade LGBTQIAPN+, com base nas expressões utilizadas pelos participantes no uso das lexias, apontando mais uma forma de variedade da língua, com fatos linguísticos que podem ser interpretados como características da fala de determinado grupo dentro da comunidade gay. Este estudo propõe reflexões sobre o léxico utilizado entre os gays masculinos, com idade entre 22 e 46 anos do programa reality show *Drag Race*, versão brasileira, utilizando uma amostragem da fala dos participantes na configuração de um falar gay para a construção do corpus. A hipótese levantada nesta pesquisa é a de que a fala utilizada por gays masculinos é uma marca social e de sexualidade, havendo necessidade de descrever os dados linguísticos usados por pessoas desse programa televisivo. O trabalho se estrutura a partir do estudo de variação e mudança linguística, em uma perspectiva a partir de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), seguindo pela apresentação da variedade linguística em nível lexical (Biderman, 2001), além de um percurso histórico pela estruturação do movimento LGBTQIAPN+ no Brasil (Green, 2019), perpassando a influência desse dialeto na mídia atualmente. O modo de fala de determinados grupos de homossexuais é sinal de resistência e identificação social. Os gays que fizeram parte desta pesquisa se destacam socialmente pela forma que se expressam, e são avaliados no ato de suas falas marcadas por episódios diferentes, pelos seus interlocutores. Essas características de linguagem merecem a atenção deste estudo sociolinguístico, visto que o modo como os indivíduos falam, independentemente de cor, etnia ou orientação sexual, deve ser conhecido e, acima de tudo, respeitado. A identificação do léxico gay se deu através da realização de um recorte das gírias utilizadas por indivíduos em seu contexto de fala que variavam de idade, localização e contextos de vidas diferenciados. Nesses contextos foram identificadas várias lexias que revelam a busca por certa identidade cultural própria. Isso possibilitou a criação de um glossário com a inclusão dessas lexias. Por fim, constatou-se que existem diferenças e semelhanças que marcam a forma de falar entre a comunidade gay e isso demonstra um fortalecimento e afirmação que existe uma forma diferente de falar.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística variacionista; Pajubá, *Reality show Drag Race Brasil*; Comunidade gay.

AGUILERA, Raul Silvestre Benitez. *O pajubá falado no programa drag race Brasil*. 2024. 112f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2024

ABSTRACT

The main objective is to define the word in terms of its language of origin, contextualizing it in some speech of the LGBTQIAPN+ community, based on the expressions used by the participants using these lexicons, pointing out yet another form of language variety, with linguistic facts that can be interpreted as characteristics of the speech of a certain group within the gay community. This study proposes reflections on the lexicon used by gay men, aged between 22 and 46 years old, on the reality show Drag Race, Brazilian version, using a sample of the participants' speech in the configuration of gay speech for the construction of the corpus. The hypothesis raised in this research is that the speech used by determined gay men is a social and sexuality mark, and there is a need to describe this linguistic data used by people on this television program. The work is structured around the study of linguistic variation and change, from a perspective based on Weinreich, Labov and Herzog (2006 [1968]), followed by the presentation of linguistic variety at the lexical level (Biderman, 2001), in addition to a historical journey through the structuring of the LGBTQIAPN+ movement in Brazil (Green, 2019), and the influence of this dialect in the media today. The way certain groups of homosexuals speak is a sign of resistance and social identification. The gays who took part in this research stand out socially for the way they express themselves, and are evaluated in the act of their speeches marked by different episodes, by their interlocutors. These language characteristics deserve the attention of this sociolinguistic study, since the way individuals speak, regardless of color, ethnicity or sexual orientation, must be known and, above all, respected. The gay lexicon was identified by analyzing the slang used by individuals in their speech contexts, who varied in age, location and different life contexts. In these contexts, several lexicons were identified, which reveal the search for a certain cultural identity of their own. This made it possible to create a glossary that included these lexicons. Finally, it was found that there are differences and similarities that mark the way of speaking among the gay community, and this demonstrates a strengthening and affirmation that there is a different way of speaking.

KEYWORDS: Variationist Sociolinguistics; Pajubá; Drag Race Brasil reality show; Gay community

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
I – A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA: BASES TEÓRICAS E UM PANORAMA SÓCIO-HISTÓRICO DA COMUNIDADE GAY E O PAJUBÁ	20
1.1 Sociolinguística Variacionista	20
1.2 Significados sociais das formas variantes e o pajubá	29
1.3 Os fatores extralinguísticos	34
1.4 A Metaforização	37
1.5 O pajubá sob a ótica da sociolinguística variacionista.	40
1.6 Neologismos – ressignificação.	45
1.7 A origem do pajubá: línguas em contato – iorubá	48
1.8 O pajubá enquanto rede de proteção	50
1.9 A apropriação do pajubá pela publicidade, propaganda e mídias sociais	52
II - ASPECTOS LEXICAIS	62
2.1 Reflexões sobre o léxico	62
2.2 Alguns aspectos teóricos após a descrição do léxico/pajubá.	64
2.3 O Universo dos antropônimos	65
2.4 O estudo dos verbos no pajubá como modalizadores linguísticos	66
2.5 Particularidades no universo linguístico do pajubá	68
III – ASPECTOS METODOLÓGICOS	71
3.1 Materiais e métodos	71
3.2 Tipo de pesquisa	71
3.3 Técnicas e procedimentos para a coleta de dados	71
3.4 <i>Drag Race</i> Brasil e as manifestações do pajubá	72
3.5 Os participantes do programa	73
IV – DEFINIÇÕES E CONTEXTUALIZAÇÃO DOS LÉXICOS E EXPRESSÕES	77

CONSIDERAÇÕES FINAIS 83

REFERÊNCIAS 86

INTRODUÇÃO

A língua se caracteriza pela diversidade ou variedades de cada comunidade. Variação e língua caminham juntas e as variedades ocorrem por diferentes fatores que influenciam o modo de falar das comunidades, tais como região geográfica (pessoas de uma mesma região apresentam características linguísticas próprias daquela localidade), sexo (homens e mulheres com características distintas na forma de falar), idade (criança, jovens, adultos e idosos podem apresentar traços linguísticos diferentes), classe social (fatores lexicais e morfosintáticos caracterizam muitas classes sociais), entre outros.

Sendo assim, percebe-se que tais fatores sociais devem ser considerados nos estudos linguísticos, visto que estão relacionados com a inserção ativa do falante na sociedade, ou seja, sua relação com membros de seu grupo e com membros de outros grupos.

Em minha trajetória de vida as questões linguísticas sempre se fizeram muito presentes visto que nasci no seio de família paraguaia e cresci até a adolescência na cidade de Porto Murtinho/MS localizada na região fronteira do Brasil com o Paraguai. Desde o berço fui exposto a praticamente quatro línguas presentes nesse canto do Brasil: o português, o espanhol (ou castelhano), o guarani (língua indígena oficial do Paraguai) e uma quarta língua que trata-se de uma mistura particular das três supracitadas. Logo, posso dizer que tive duas línguas maternas: o espanhol falado com minha mãe e seus parentes e o português, falado na rua com os habitantes da cidade e também, posteriormente, na educação escolar.

Ao sair do interior do Mato Grosso do Sul para estudar no Paraná aos doze anos de idade, tive meu primeiro choque cultural, incluído aqui outras expressões do Português. Tal diferença linguística acentuou-se ao me mudar de Maringá, ao norte do PR, rumo à capital Curitiba. Alí, de forma intuitiva, comecei a perceber que os acentos e o léxico do português que eu conhecia tinha outras variações, o que vi como um estímulo à minha curiosidade sobre as línguas, visto que nesta época (anos 1990) comecei a estudar seriamente a língua inglesa em escolas particulares.

Por motivo de minha profissão de DJ de festas e clubes, ainda em Maringá no final dos anos 1980, comecei a frequentar o meio LGBTQIAPN+ da cidade, visto que estava me descobrindo também como homossexual. Alí fiz

minhas primeiras amizades dentro deste pequeno universo em uma cidade de interior do Norte do Paraná. Ao me mudar para Curitiba em 1994 fui trabalhar nos primeiros clubes locais voltados à comunidade gay local, onde vi meu universo de conhecimento humano aumentar exponencialmente ao da capital paranaense, que vivia nesse momento uma agitação cultural consonante com o que acontecia em escala global após a queda do Muro de Berlim e no pós-guerra fria. Foi na noite de Curitiba que comecei a perceber que algumas pessoas da comunidade gay local falavam de forma diferenciada.

Em meados dos anos 1990, comecei a frequentar a noite gay de São Paulo, onde mais uma vez fui exposto a outro “caldo” cultural, não só pelos diferentes sotaques de tantas origens do país que habitam a megalópole, como também na pequena cena dos clubes noturnos de música eletrônica da região dos bairros dos Jardins e do centro da cidade usavam-se formas de expressão do português diferentes dos frequentadores da noite gay curitibana. Rapidamente aprendi os significados, aplicações e usos do que seria uma grande mistura de palavras do mundo *clubber* (dos frequentadores dos clubes noturnos) com alguns termos vindos do meio *fashionista* (do mundo da moda), do pajubá falado pelos gays masculinos brancos de classe média do Centro de São Paulo. Junte-se a isso ainda os falares de alguns frequentadores originários da periferia paulistana (a maioria negros, gays ou não, de baixa renda).

Este novo caldo linguístico me instigou a ponto de querer entender tudo o que se passava no chamado “mundinho”, onde comecei a seguir via revistas e jornais tudo o que se passava neste entorno, que até então era quase um segredo guardado dentro da sociedade branca do centro paulistano, sendo poucas vezes retratados na mídia da época.

Ao comentar com vários amigos gays e heterossexuais na época sobre esta forma de expressão do Português se conheciam ou já haviam ouvido algumas daquelas expressões e palavras, a maioria sequer sabia da existência dela. E assim acabei me tornando uma espécie de professor, tradutor e novidadeiro entre qualquer um que se interessasse a entabular uma conversa sobre as particularidades da cena noturna paulistana. Sem grandes pretensões, apenas pela novidade em si, pelas expressões de estupefação que tal universo causava muitas vezes entre meus interlocutores.

Ao decidir estudar a Licenciatura em Letras na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, percebi que também poderia estudar o Mestrado da mesma instituição uma vez que já tinha meu diploma de formação em Comunicação – Rádio e TV pela Universidade Tuiuti do Paraná. Ao decidir em qual área deveria fazer o meu Mestrado não tive dúvidas: Linguística. E qual seria o meu objeto de estudo? Obviamente algo que estivesse relacionado a esse meu histórico de convivência nas nos clubes noturnos de São Paulo e Curitiba. Ao fazer um recorte, após várias idas e vindas dentro da pesquisa, sobre a fala usada no programa *Drag Race Brasil*, que acabava de aportar no país, dentro do serviço de *streaming* Paramount +.

Tal programa toca em alguns pontos o universo gay uma vez que, até onde se pode aferir, todos os participantes são homossexuais masculinos, vindos de diversas origens geográficas do Brasil. Elabora-se então aqui uma exemplificação, contextualizando-o com a língua portuguesa, acerca do léxico utilizado entre os gays masculinos participantes do reality show com idade entre 22 e 46 anos.

Isto se observa visto que a marca dos grupos de militância LGBTQIAPN+ é a luta por direitos e respeito, e a bandeira que os representa tem as cores do arco-íris, que também simboliza a diversidade. Por isso, apresenta-se aqui uma relação ao modo de fala utilizado por pessoas do grupo supracitado. Há muitos anos a comunidade homossexual vem adotando uma identidade própria; chamando a atenção da sociedade e do mundo inteiro por destacarem-se do padrão social, cuja predominância privilegia o comportamento dito heterossexual.

Diante desse contexto, esta pesquisa tem como objetivo geral definir a palavra quanto à sua língua de origem com seu significado, contextualizando-a a uma frase falada em língua portuguesa e o léxico usado por este estrato da comunidade LGBTQIAPN+. Os objetivos específicos são descrever a fala de gays do *reality show*, focando no vocabulário utilizado por eles, identificar e exemplificar lexias próprias desse grupo e identificar lexias não dicionarizadas, contribuindo para os estudos lexicográficos.

Sendo assim, procura-se detectar e observar as possíveis variantes linguísticas presentes no falar dos participantes do programa *Drag Race Brasil*, verificando através de análises qualitativas quantitativas a variação do léxico.

Destaca-se a relevância deste trabalho, uma vez que há sempre novas variedades da língua a serem observadas dentro na comunidade LGBTQIAPN+, estudos estes que compreendam as questões linguísticas e sociais que permeiam este grupo que historicamente encontra-se em vulnerabilidade e negligenciado. Por este motivo, a comunidade desenvolveu um dialeto que se mostra pouco acessível pela comunidade heterossexual, sendo que o pajubá apresentou-se no passado como uma linguagem de proteção, que se utilizava de neologismos para restringir o entendimento para o público externo à comunidade.

Esta pesquisa pretende demonstrar a valorização do léxico do grupo e colocar em evidência o estudo de uma forma específica de fala, com lexias próprias e utilizadas pela comunidade gay. Esta pesquisa, orientada pelo arcabouço da Sociolinguística Variacionista, em interface com os estudos de Lexicografia, se justifica, também, por apresentar um trabalho voltado para o modo de fala de homossexuais, pessoas que sofrem preconceitos e discriminação pelo seu modo de agir, de se apresentar socialmente. Estudar a fala do grupo em foco contribui para reconhecer diferentes modos de utilização de palavras com significados específicos, possibilitando conhecer uma variação lexical, com o intuito de propor reflexões, juntamente com ações efetivas de pesquisa sobre a formação socio-histórica desse falar, que possam ajudar a diminuir o preconceito que ainda se faz forte em relação às temáticas relacionadas a comunidade LGBTQIAPN+ no Brasil.

De acordo com Ferraz *et al.* (2017, p. 215), a variação do modo de fala da comunidade linguística gay varia a depender dos contextos em que é empregada, de modo que “cada contexto social engatilha um comportamento linguístico distinto, que repercute na maneira pela qual as pessoas se reconhecem ou são reconhecidas pessoal ou socialmente”.

Apesar de não ser o foco desta pesquisa, o percurso sócio-histórico das formas de falar de uma determinada comunidade linguística contribui, de maneira relevante, para o entendimento dos modos de fala dessa comunidade. Para Andrade *et al.* (2018), “(...) a língua, a todo momento, reflete as transformações e as dinâmicas do meio social e dos indivíduos que o compõem e fazem uso dela”. Desse modo, esta pesquisa pretende desenvolver um tópico acerca da história de lutas, conquistas e desafios da comunidade gay, assim como apresentar reflexões sobre as lexias identificadas, que podem

influenciar diretamente na maneira que este grupo utiliza sua linguagem e constrói os seus significados.

Destacando-se na sociedade pela postura e modo de falar, sendo avaliados constantemente por si mesmos e pelos seus interlocutores, alguns gays possuem características próprias de linguagem que merecem a atenção nos estudos sociolinguísticos pois o modo como os indivíduos falam, independentemente de cor, etnia ou orientação sexual, deve ser conhecido e, acima de tudo, respeitado, sendo viável uma prévia descrição e análise linguística desse grupo em foco.

A identificação do léxico gay revela a busca por certa identidade cultural própria, fruto da discriminação que sofreram os gays. Pode-se interpretar que essa possível variedade foi um índice identitário criado para se distanciar da forma como falam pessoas heterossexuais. A língua é um importante instrumento de identificação social. Ela serve também para amparar os indivíduos dos grupos marginalizados, é a forma que estes encontram para superar as barreiras do preconceito.

Esta dissertação está estruturada da seguinte forma: no primeiro capítulo apresenta-se a fundamentação teórica que versa sobre os estudos de variação e mudança linguística, com ênfase na variação regional, dialetal, lexical, grau de formalismo, além de um panorama socio-histórico da comunidade gay e o léxico utilizado pelo grupo do *reality show*. Há uma abordagem sobre a fala de determinado estrato na comunidade gay e aspectos da Sociolinguística Variacionista, uma continuidade dos aspectos linguísticos como rede de proteção e os veículos de comunicação.

Já no segundo capítulo verificamos aspectos teóricos e fatores extralinguísticos e sua apresentação nos meios de comunicação. No terceiro capítulo a metodologia do trabalho com enfoque no uso do pajubá, construído com considerações gerais das lexias. No quarto capítulo resultado da pesquisa, de modo descritivo, além de apresentar um suporte teórico sobre o levantamento dos léxicos marcados do programa em questão, traz a marcação de tempo das falas destacadas, numa pesquisa qualitativa e quantitativa, ressaltando que os dados foram coletados por observação. Foram assistidos seis programas da primeira temporada realizada no Brasil, extraído deste o pajubá utilizado pelos personagens no momento exato de cada fala dos participantes.

Na origem de tal espécie de falar, no que tange à comunidade LGBTQIAPN+, encontra-se o “pajubá” ou “bajubá”, uma espécie de língua desenvolvida em meados do século XX (1970), de acordo com Trevisan (2000), e que ganhou popularidade suficiente para chamar a atenção dos mais diversos públicos.

Este vocabulário é remanescente dos terreiros de candomblé, onde até hoje se fala o vernáculo da língua africana iorubá-anagô. O pajubá, dialeto oriundo do iorubá, em alguns grupos da comunidade LGBTQIAPN+, é utilizado principalmente como uma espécie de código, limitando a compreensão do que é falado a quem domina este tipo de linguagem. Esta linguagem foi adotada inicialmente por travestis e homossexuais masculinos, com o objetivo de criar uma rede de proteção dentro de uma sociedade na qual eram vistos de forma hostil.

A internet mostrou-se um espaço propício para o segmento social dos LGBTQIAPN+. Nos ambientes digitais, para além de sua função de origem, o pajubá ganhou notoriedade na forma de chiste¹, aliando-se à criação de memes² e conteúdos capazes de transpassar a limitação do uso deste dialeto pelos integrantes das diversas camadas e bolhas existentes na comunidade gay.

Um ponto importante sobre a bibliografia disponível acerca desta temática, aponta que o pajubá figurou como uma rede de proteção para seus falantes, ou seja, havia um viés de resistência que se encontrava no cerne do uso de um vernáculo exclusivo a esta comunidade. O pajubá, ao longo do tempo, foi capaz de suplantar as fronteiras dos terreiros de candomblé, frequentado por praticantes desta religião de matriz africana, sendo adotado inicialmente por algumas travestis que praticavam esta religião no século passado, tendo depois se espalhado em alguns substratos da comunidade gay masculina.

Diante do exposto, este trabalho de pesquisa apresenta um levantamento dos léxicos criados a partir da primeira temporada do *reality show* brasileiro *Drag Race Brasil* (2023), seriado baseado no *reality show*

¹ Dito espirituoso, de humor fino e adequado gracejo; facécia, pilhéria.

² Vem da palavra grega, “mimesis” (απομίμηση), que significa “imitação”. O termo é popularmente utilizado no mundo virtual para identificar qualquer conteúdo, visual ou audiovisual, que possua grande relevância na internet.

estadunidense *RuPaul's Drag Race*, transmitido no Brasil na época pela Paramount+ e MTV.

No programa verifica-se que, as falas tem uma identidade própria que singulariza as identidades de cada participante, evidenciando uma pluralidade de criação no falar específico deste programa.

I

A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA: BASES TEÓRICAS E UM PANORAMA SÓCIO-HISTÓRICO DA COMUNIDADE GAY

1.1 Sociolinguística variacionista

Varição linguística são as inúmeras formas que a língua assume dentro de uma mesma comunidade de fala, caracterizada por muitos fatores que auxiliam e/ou facilitam o falar, aproximando grupos ou identificando gerações (Travaglia, 2002). As diferentes formas de utilização da língua, muitas vezes para expressar a mesma coisa, são percebidas constantemente pois assumem papel importante na interação humana. As distinções entre os diferentes modos de utilização de uma mesma língua podem ser chamadas de variação, ou seja, são os modos com os quais a sociedade se apropria de diferentes maneiras de se expressar linguisticamente.

Rompendo com um dos postulados da linguística do início do século XX, que apontava a ideia da língua fechada em si mesma apoiada ao pensamento de que o objeto da linguística deveria identificar-se com a parte homogênea dos fenômenos observáveis, surge a variação linguística na segunda metade desse século. A teoria da variação e mudança linguística, proposta por Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog (2006 [1968]), fundamenta-se como uma teoria empiricamente orientada e propõe o estudo da língua. Para Coelho *et al.* (2015, p. 58), a variação da língua é um “fato social dinâmico, cuja variação é explicada por formas externas ao sistema”.

Para William Labov e Marvin Herzog (2006 [1968], p. 87), a história dos estudos linguísticos está marcada por visões antagônicas no que diz respeito aos estudos da mudança das línguas. Os autores apresentam Hermann Paul e/ou Ferdinand de Saussure, com a corrente linguística do estruturalismo, autores que apresentam reflexões sobre a variabilidade e a sistematicidade dos sistemas linguísticos como conceitos mutuamente excludentes.

Desse modo, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) apontam que, a despeito dos paradoxos da sistematicidade e da variação nas línguas, “a maioria dos linguistas reconhece a evidência que demonstra que a mudança linguística é um processo contínuo e subproduto inevitável da interação linguística” (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968], p. 87). Assim, com o

objetivo de romper com a noção de língua como um sistema homogêneo, é que os autores propõem “uma explicação razoável da mudança [que] dependerá da possibilidade de descrever a diferenciação ordenada dentro da língua” (Weinreich; Labov; Herzog, 2006[1968], p. 88).

Os autores percebem a língua como um sistema ordenado, porém, heterogêneo, de modo que a escolha entre alternativas linguísticas acarreta funções sociais e estilísticas. Para eles, este sistema muda e tende a acompanhar as mudanças na estrutura social. Logo, a teoria da variação e mudança linguística se dá através da relação direta entre língua e sociedade, sendo a língua compreendida como um fenômeno social.

Os dados empíricos confirmam plenamente a existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades linguísticas investigadas. É a existência de qualquer outro tipo de comunidade que pode ser posta em dúvida. (...) chegamos à conclusão nos últimos anos de que essa situação normal é a de que a heterogeneidade não é apenas comum, mas é também o resultado natural de fatores linguísticos básicos. Postulamos que disfuncional seria a ausência de mudança de estilo e de sistemas multiestratificados de comunicação (Labov, 2008 [1972], p. 203).

Nesse sentido, entende-se que a observação analítica começa com a variação linguística que ocorre dentro das comunidades, a língua é entendida como um apanhado heterogêneo onde a linguagem tende a acompanhar os usos sociais mutáveis, em consonância com as estruturas, diversas, sociais. Ademais, Labov (2008) especifica essa relação que há na sociedade e na fala, de modo que a variação da conduta linguística não demanda em si uma persuasão, tampouco inspira o desenvolvimento social que venha a afetar as contingências da vida dos sujeitos, ao contrário, a posição comportamental da língua sofre modificações ao passo que a posição social do falante se transforma. Para Labov (2008), a língua não pertence ao sujeito, mas à comunidade, de modo que concluiu ser necessário “estudar empiricamente as comunidades de fala” (Labov, 2008[1972], p. 259).

Compreende-se, assim, que essa sociedade, essa comunidade e esses falantes da língua de um determinado espaço heterogêneo se constituem com regras variáveis. Outrossim, os estudos acerca da variação e mudança linguística nos permitem analisar as vertentes e diferentes níveis linguísticos, isto é, os níveis gramaticais em que as diferentes variantes podem ocorrer.

De acordo com Halliday, McIntosh e Stevens (1974 *apud* Travaglia, 2002), as variações de registro são divididas e classificadas em três esferas,

sendo elas: o grau de formalismo, o modo e o sistema, que se sobrepõem ou se correlacionam, podendo também ser analisadas isoladamente.

Sobre o grau de formalismo, Travaglia (2002, p. 51) afirma que este representa os graus de formalidade utilizados em diferentes discursos, com uso dos recursos da língua, numa aproximação de uma linguagem padrão e culta, de forma mais sofisticada. Essa forma de linguagem utiliza os recursos da língua do nível fonológico, do léxico, sintático, de construção, estilísticos etc. O grau de formalismo mais elevado é identificado com maior facilidade em obras literárias, científicas e em discursos que necessitam de um maior rebuscamento, devido ao público ou razões do falar em situações que demandam tais formalidades, compreendendo assim, a língua padrão com pouca relevância à variedade oral culta.

Em relação ao grau de formalismo, Travaglia (2002, p. 53) afirma que

A língua escrita e a oral apresentam cada uma um conjunto próprio de variedades de grau de formalismo. As variedades de grau de formalismo da língua escrita apresentam uma tendência para maior regularidade e geralmente maior formalidade que as da língua falada, todavia importa lembrar que em cada caso existe uma mesma relação entre os níveis de grau de formalismo propostos para a língua falada e para a escrita. [...] Convém anotar que a língua escrita também pode apresentar variantes dialetais, embora estas sejam usualmente pouco numerosas e menos marcantes que na língua falada, porque no escrito desaparecem as diferenças fonéticas, prosódicas e outras (Travaglia, 2002, p. 53).

De acordo com os estudos propostos por Bowen (1972 *apud* Travaglia, 2002), consideram-se cinco os graus de formalismo distintos, propondo um quadro das variedades de modo e de grau de formalismo, que vão desde a língua oral à escrita. Bowen (1972 *apud* Travaglia, 2002, p. 54), apresenta “como algumas pequenas modificações, acréscimos ou reduções, a caracterização sumária que se apresenta de cada grau de formalismo”.

O primeiro grau de formalismo apresentado é o oratório que é

“elaborado, enfeitado, inteiramente composto de períodos equilibrados e construção paralela. É usado quase exclusivamente por especialistas, tais como: advogados, sacerdotes e outros oradores religiosos, políticos etc.” (Bowen, 1972 *apud* Travaglia, 2002, p 54).

Tal discurso, segundo o autor, é apropriado para uma situação muito formal. Uma subdivisão desse tópico é a situação hiper formal, que equivale ao escrito do oratório. É evidente que os apontamentos do autor versam sobre a realidade de uma época e região específica, e podem ser diferentes para a sociedade brasileira contemporânea e para o grupo do programa em questão.

O segundo é o deliberativo, usado quando se fala a grandes ou médios grupos, em que se excluem as respostas informais. De acordo com Bowen (1972 apud Travaglia, 2002, p. 54)

é preparado previamente e mantém de propósito uma distância entre falantes e ouvintes. Diferenciando-se do grau de formalismo coloquial, o deliberativo se caracteriza por sentenças que são mais rigorosamente definidas (Bowen, 1972 apud Travaglia, 2002, p. 54)

Dentro dessa questão deliberativa, encontra-se o quesito formal que, de acordo com Bowen (1972 apud Travaglia, 2002, p.54), “apresenta características semelhantes ao do deliberativo, numa forma de linguagem cuidada na variedade culta e padrão, mas dentro do estilo escrito”.

O terceiro aspecto é o coloquial, identificado nas conversas entre duas pessoas que, segundo Bowen (1972 apud Travaglia, 2002, p. 55), “ambas participantes ativas, alternando-se no papel de falante e emitindo sinais de realimentação, quando na posição de ouvinte”. O semiformal, de acordo com o autor, é utilizado na escrita coloquial, com um pouco mais de formalidade.

O quarto é o casual (coloquial distenso) e

nesse nível percebe-se uma completa integração entre falante e ouvinte, com o uso frequente de gíria, que é um indicador do relacionamento próprio de um grupo fechado (linguagem particular ou semi particular). (Bowen, 1972 apud Travaglia, 2002, p. 55).

Não há, segundo o autor, uma preocupação com o rebuscamento das palavras e frases. Ainda nesse grau está o quesito informal, no qual os componentes de um grupo íntimo usam abreviações, construções simples e fragmentadas, sem perder o sentido, é o que se aproxima mais do grupo analisado.

De acordo com Bowen (1972 apud Travaglia, 2002, p. 55), o quinto grau de formalismo, identificado como íntimo (familiar), é utilizado na vida privada de forma particular. Utiliza-se da intimidade e afeição nas construções de fala, numa função emotiva. A questão pessoal, segundo o autor, são as escritas/notas para uso próprio, como o bilhete, recado de telefone, lista de compras etc.

Sobre a variação de modo, Travaglia (2002, p. 51) aponta que a língua falada e a língua escrita entram em contraposição, pois a língua escrita denota um sistema com marcas e características próprias, de modo a marcar um diferente estilo em relação à língua falada. O autor apresenta ainda algumas

características que marcam essa diferença, que são devidas ao meio em que são produzidas – visual ou auditiva.

A primeira dessas diferenças, de acordo com Travaglia (2002), refere-se ao fato de a língua falada poder utilizar diferentes recursos fonológicos, tais como entonação, duração dos sons, velocidade, sequências linguísticas, ênfase em determinadas palavras, entre outros. A segunda diferenciação refere-se ao fato de a língua falada apresentar truncamentos em palavras e frases, como hesitações, repetições e retomadas, elementos que não aparecem quando se escreve algo. O motivo pelo qual essa diferença ocorre pode ser, segundo o autor, o fato de o texto ser formulado na hora da fala, justificando a hesitação que pode levar aos elementos citados – truncamentos, pausas longas ou curtas, alongamento etc.

Outro motivo encontrado é o desejo de não sobrecarregar a memória do interlocutor, que formula, na maioria das vezes, construções menos complexas; e/ou impedir que a outra pessoa tome a palavra antes que se diga aquilo que estava disposto a dizer. A terceira diferenciação relaciona-se à interação entre falante e ouvinte, ou seja, observando-se as reações do interlocutor, pode-se interromper a frase, quando se percebe que o outro já entendeu a mensagem que se tinha a intenção de passar, além de observar as marcas da reação entre o que se fala e o que se ouve na conversação

Além do grau de formalismo, conforme visto anteriormente, a língua apresenta, também, variação dialetal. Para se entender melhor, será apresentada uma classificação sobre essas formas de variação linguística. Segundo Coulthard (2001, p. 8), “a descrição tradicional de dialetos considera um dialeto de prestígio como forma padrão de língua e verifica como determinado dialeto regional ou social difere dessa forma padrão”.

Para Coulthard (2001), existem ainda diferenças gramaticais, de pronúncia, que marcam a diferença entre dialetos de uma mesma língua. Bowen (1972 *apud* Travaglia, 2002, p. 56), afirma que “a terceira série de dimensões de registro, a da sintonia, pode ser descrita como o ajustamento na estruturação de seus textos que o falante faz, com base em informações específicas que têm sobre o ouvinte”.

De acordo com Coelho *et al.* (2015), as variações na língua podem se dar em: variação fonológica, morfológica, sintaxe e semântica, variação discursiva e variação lexical, da qual se ocupa das variações sistêmicas sobre

a língua falada denominada de variantes linguísticas que se caracterizam. Segundo Tarallo (2003), nas possibilidades e nas diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa, relacionadas a um determinado contexto, esse conjunto de variantes recebe o nome de variável linguística.

Em outras palavras, a variável linguística, para os autores Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 105), é “um elemento variável dentro do sistema controlado por uma única regra”. Segundo Coelho *et al.* (2015, p. 60,) essa “é uma regra gramatical, e, sendo assim, não é qualquer forma linguística que pode assumir o papel de uma das variantes, uma vez que elas sofrem restrições do próprio sistema linguístico”.

Para formular as bases teóricas da Sociolinguística, Labov (2008 [1972]) recorreu à Linguística, à Antropologia e à Sociologia ao observar os contributos de cada uma das áreas, resultantes de conhecimentos etnográficos, sociais e de linguagem, que deram apoio ao estudo de variantes linguísticas, propondo assim uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo, visto que Chomsky (1997 [1965]) idealizava a língua como homogênea, a partir da existência de um falante ideal.

Segundo Travaglia (2002), os estudos acerca da área da variação linguística apontam que a língua pode variar, pois ambas, variação e língua, caminham juntas e tais variações ocorrem por diferentes fatores que influenciam o modo de falar das comunidades, tais como religião, idade, classe social, sexo, grau de formalidade, entre outros. Na tentativa de atribuir significados às coisas que permeiam as vivências cotidianas, criam-se mecanismos para se estabelecer a comunicação.

De acordo aos postulados de Coelho *et al.* (2015), faz-se necessário compreender que a língua não é uma estrutura pronta e acabada, sem possibilidade de variar e mudar. Para os autores,

é necessário também entender que a realidade das pessoas que usam a língua - os falantes - têm uma influência muito grande na maneira como elas falam e na maneira como avaliam a língua que usam e, especialmente, a língua usada pelos outros. (Coelho *et al.* 2015, p. 11).

Por consequência, a variável linguística é o objeto da gramática onde se dá a variação, porque “há regras na língua regendo a variação, isto é, que a variação é sistematicamente ordenada” (Coelho *et al.*, 2015, p. 61). Nesse sentido, Labov (2008, p. 13) concebe a fala como “a língua tal como usada na

vida diária por membros da ordem social” e nessa premissa, conclui-se que: “a língua falada é o vernáculo”.

Tarallo (2003) aponta que

[...] a enunciação e expressão de fatos, proposições, ideias, (o que) sem a preocupação de como enunciá-los. Trata-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua, ao como da enunciação. Essas partes do discurso falado, caracterizadas aqui como vernáculo, constituem o material básico para a análise sociolinguística (Tarallo, 2003, p. 19).

De maneira mais remota, pode-se afirmar que as questões linguísticas são observadas desde muito tempo, visto que no conto da Torre de Babel a punição é retratada como diversidade de linguagem, cujo castigo representava um mecanismo de privar a capacidade comunicativa entre os homens, deixando a língua restrita. Em contrapartida, a sociolinguística rompe com esses pressupostos de fixação, idealização, homogeneidade e imutabilidade.

Sobre os significados sociais das variantes, estes estão relacionados ao significado social que determinadas variantes em uso desempenham. Para Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), as variações sociais e geográficas são elementos intrínsecos da estrutura. Na mudança linguística é possível alegar que os fatores sociais pesam sobre o sistema de forma inteira; mas a significação social não é distribuída igualmente por todos os elementos do sistema, nem tampouco todos os aspectos do sistema são equitativamente marcados por variação regional (Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 123).

Segundo Coelho *et al.* (2015, p. 66), “as formas linguísticas veiculam, além de significados referenciais/representacionais, significados sociais”, e esses significados podem carregar estereótipos negativos ou significados prestigiados de acordo com aquilo que é difundido socialmente a respeito de uma variante. Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 125) apontam que esta é uma “completação da mudança e passagem da variável para o status de uma constante”, responsável pela exclusão de qualquer significação social, ou estereótipo, relacionada a determinada variante, de modo que seu valor social pode impulsionar ou reter um processo de mudança na língua.

O segundo aspecto diz respeito à direção da mudança linguística, levando-se em consideração que a difusão e a mudança da variação ocorrem de um grupo social a outro grupo. Coelho *et al.* (2015, p. 90) comentam as

direções em que a variação da língua pode ocorrer, sendo elas: de cima para baixo, ou de baixo para cima.

Sobre a mudança que ocorre de cima para baixo, é percebido maior consciência dos falantes da língua e tem origem no uso prestigiado da língua por uma classe dominante socialmente. Esse tipo de variação tem origem em um uso mais cuidadoso e não espontâneo da língua.

A direção de baixo para cima acontece quando uma forma inovadora no sistema linguístico se expande “a partir da fala vernacular” (Coelho *et al.*, 2015, p. 90), isto é, a variação tem início na fala que não apresenta prestígio social, apresentando baixo nível de consciência, relacionadas a traços sociais dos grupos. As variáveis desta direção que se mantêm, e desencadeiam processos de mudança, tendem a não apresentar estigma social que é o caso do pajubá.

De acordo com Lagares (2018), as variações entre vernáculo e prestígio são definidas pela noção de diglossia. Segundo o autor, o conceito de diglossia foi formulado por Ferguson (1974, *apud* Lagares, 2018), e remete a “um tipo particular de padronização onde duas variantes de uma língua coexistem numa mesma comunidade, cada uma desempenhando um papel definido” (Ferguson, 1974, p. 99 *apud* Lagares, 2018, p. 124). O autor, a partir das ideias de Ferguson, destaca como variantes linguísticas podem ser consideradas altas (maior prestígio) ou baixas (menor prestígio).

A teoria de variação e mudança, ao apontar as noções de direção da mudança, abre caminhos para esta pesquisa, que se enquadra na observação e estudo lexical que acompanha o posicionamento de variantes com menor prestígio, de acordo ao que propõe Ferguson (1974). Ao analisar a fala de homossexuais com o intuito de identificar as lexias utilizadas por este grupo, faz-se necessário levar em consideração os quesitos que tratam do grau de formalismo, seus registros coloquiais e casuais, pois se pressupõe que a identificação é percebida na interação entre aqueles que lhe são próximos, ou seja, o homossexual pode não se sentir à vontade em utilizar jargões gays com um heterossexual para evitar que seja visto com maus olhos. Pode-se perceber também, na dimensão do registro, que o status do interlocutor é determinante na interação entre os grupos, de modo que o homossexual pode utilizar, ou não, palavras de um vocabulário próprio que depende daquele que o escuta.

Além do grau de formalismo, a língua apresenta, também, variação dialetal. Para se entender melhor, será apresentada uma classificação sobre

essas formas de variação linguística. Segundo Coulthard (2001, p. 8), “a descrição tradicional de dialetos considera um dialeto de prestígio como forma padrão de língua e verifica como determinado dialeto regional ou social difere dessa forma padrão”. Para Coulthard (2001), existem ainda diferenças gramaticais, de pronúncia, que marcam a diferença entre dialetos de uma mesma língua.

Bowen (1972 *apud* Travaglia, 2002, p. 56), afirma que “a terceira série de dimensões de registro, a da sintonia, pode ser descrita como o ajustamento na estruturação de seus textos que o falante faz, com base em informações específicas que têm sobre o ouvinte”. De acordo com Coelho *et al.* (2015), as variações na língua podem se dar em: variação fonológica, morfológica, sintaxe e semântica, variação discursiva e variação lexical, da qual se ocupa das variações sistêmicas sobre a língua falada denominada de variantes linguísticas que se caracterizam.

Segundo Tarallo (2003), nas possibilidades e nas diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa, relacionadas a um determinado contexto, esse conjunto de variantes recebe o nome de variável linguística. Em outras palavras, a variável linguística, para os autores Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 105), é “um elemento variável dentro do sistema controlado por uma única regra”. Segundo Coelho *et al.* (2015, p. 60,) essa “é uma regra gramatical, e, sendo assim, não é qualquer forma linguística que pode assumir o papel de uma das variantes, uma vez que elas sofrem restrições do próprio sistema linguístico”.

Segundo Travaglia (2002), os estudos acerca da área da variação linguística apontam que a língua pode variar, pois ambas, variação e língua, caminham juntas e tais variações ocorrem por diferentes fatores que influenciam o modo de falar das comunidades, tais como religião, idade, classe social, sexo, grau de formalidade, entre outros. Na tentativa de atribuir significados às coisas que permeiam as vivências cotidianas é que se criam mecanismos para se estabelecer a comunicação.

De acordo aos postulados de Coelho *et al.* (2015), faz-se necessário compreender que a língua não é uma estrutura pronta e acabada, sem possibilidade de variar e mudar. Para os autores, “é necessário também entender que a realidade das pessoas que usam a língua - os falantes - têm uma influência muito grande na maneira como elas falam e na maneira como

avaliam a língua que usam e, especialmente, a língua usada pelos outros” (Coelho *et al.* 2015, p. 11).

Por consequência, a variável linguística é o objeto da gramática onde se dá a variação, porque “há regras na língua regendo a variação, isto é, que a variação é sistematicamente ordenada” (Coelho *et al.*, 2015, p. 61). Nesse sentido, Labov (2008, p. 13) concebe a fala como “a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social” e nessa premissa, conclui-se que: “a língua falada é o vernáculo”. Tarallo (2003) aponta que

[...] a enunciação e expressão de fatos, proposições, ideias, (o que) sem a preocupação de como enunciá-los. Trata-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua, ao como da enunciação. Essas partes do discurso falado, caracterizadas aqui como vernáculo, constituem o material básico para a análise sociolinguística (Tarallo, 2003, p. 19).

De maneira mais remota, pode-se afirmar que as questões linguísticas são observadas desde muito tempo, visto que o fato religioso da Torre de Babel a punição é retratado como diversidade de linguagem, cujo castigo representava um mecanismo de privar a capacidade comunicativa entre os homens, deixando a língua restrita.

1.2 Significados sociais das formas variantes e o pajubá

Sobre os significados sociais das variantes, estes estão relacionados ao significado social que determinadas variantes em uso desempenham. Para Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), as variações sociais e geográficas são elementos intrínsecos da estrutura. Na mudança linguística é possível alegar que os fatores sociais pesam sobre o sistema de forma inteira; mas a significação social não é distribuída igualmente por todos os elementos do sistema, nem tampouco todos os aspectos do sistema são equitativamente marcados por variação regional (Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 123).

Segundo Coelho *et al.* (2015, p. 66), “as formas linguísticas veiculam, além de significados referenciais/representacionais, significados sociais”, e esses significados podem carregar estereótipos negativos ou significados prestigiados de acordo com aquilo que é difundido socialmente a respeito de uma variante. Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 125) apontam que

esta é uma “completação da mudança e passagem da variável para o status de uma constante”, responsável pela exclusão de qualquer significação social, ou estereótipo, relacionada a determinada variante, de modo que seu valor social pode impulsionar ou reter um processo de mudança na língua.

O segundo aspecto diz respeito à direção da mudança linguística, levando-se em consideração que a difusão e a mudança da variação ocorrem de um grupo social a outro grupo. Coelho *et al.* (2015, p. 90) comentam as direções em que a variação da língua pode ocorrer, sendo elas: de cima para baixo, ou de baixo para cima.

Sobre a mudança que ocorre de cima para baixo, é percebido maior grau de consciência dos falantes da língua e tem origem no uso prestigiado da língua por uma classe dominante socialmente. Esse tipo de variação tem origem em um uso mais cuidadoso e não espontâneo da língua.

A direção de baixo para cima acontece quando uma forma inovadora no sistema linguístico se expande “a partir da fala vernacular” (Coelho *et al.*, 2015, p. 90), isto é, a variação tem início na fala que não apresenta prestígio social, apresentando baixo nível de consciência, relacionadas a traços sociais dos grupos. As variáveis desta direção que se mantêm, e desencadeiam processos de mudança, tendem a não apresentar estigma social.

De acordo com Lagares (2018), as variações entre vernáculo e prestígio são definidas pela noção de diglossia. Segundo o autor, o conceito de diglossia foi formulado por Ferguson (1974, *apud* Lagares, 2018), e remete a “um tipo particular de padronização onde duas variantes de uma língua coexistem numa mesma comunidade, cada uma desempenhando um papel definido” (Ferguson, 1974, p. 99 *apud* Lagares, 2018, p. 124). O autor, a partir das ideias de Ferguson, destaca como variantes linguísticas podem ser consideradas altas (maior prestígio) ou baixas (menor prestígio).

A teoria de variação e mudança, ao apontar as noções de direção da mudança, abre caminhos para esta pesquisa, que se enquadra na observação e estudo lexical que acompanha o posicionamento de variantes com menor prestígio, de acordo ao que propõe Ferguson (1974).

Ao observar a fala de homossexuais com o intuito de identificar as lexis utilizadas por este grupo, faz-se necessário levar em consideração os quesitos que tratam do grau de formalismo, seus registros coloquiais e casuais, pois se pressupõe que a identificação é percebida na interação entre aqueles que lhe

são próximos. Pode-se perceber também, na dimensão do registro, que o status do interlocutor é determinante na interação entre os grupos, de modo que o homossexual pode utilizar, ou não, palavras de um vocabulário próprio que depende daquele que o escuta que não é o caso dos participantes do programa.

O desenvolvimento de reflexões acerca de comunidades linguísticas deve se dar a partir do entendimento de que os signos e significantes utilizados por esse grupo fazem parte de uma constante construção social e coletiva. Esta pesquisa apresenta reflexões sobre a forma de falar dos homossexuais. Falar de homossexualidade e não refletir sobre o conceito de palavras, além de percorrer um breve percurso histórico, pode fazer deste discurso um tanto quanto vago. A forma como as pessoas, de orientação homoafetiva, se comunica, travam lutas e militâncias, se divertem e sofrem as mazelas, será brevemente apresentada neste, de modo que possa ampliar o conhecimento do universo gay no Brasil.

Sobre a ótica histórica, no Brasil, há uma denominação em relação ao movimento homossexual, compreendido como o conjunto das associações e entidades cuja finalidade era versar sobre os direitos referentes à livre orientação sexual, além de reunir e discutir, não única, mas necessariamente, direitos políticos dos sujeitos que se reconheciam de acordo com uma das identidades sexuais do movimento. Esse registro, segundo Facchini (2003), surgiu em meados de 1970 e sua trajetória no Brasil poderia ser discutida em três momentos distintos.

O primeiro corresponde à expansão do movimento frente à pequena brecha política, de acordo com Facchini (2003), marcado

[...] por um caráter antiautoritário e comunista, pela relação com propostas de transformação para o conjunto da sociedade e foram tratadas pela bibliografia sobre movimentos sociais a partir do enquadramento entre os movimentos então chamados de “alternativos” ou “libertos” (Facchini, p.84, 2003).

Em meados dos anos 1980, junto à retomada do regime democrático e o surgimento da AIDS, chamada à época de *peste gay*, finda, segundo Facchini (2003) o primeiro momento. Em seguida, há um segundo momento de poucos registros escritos, mas que aponta o declínio do movimento homossexual devido à impraticabilidade de uma política de reconhecimento identitária homossexual no país. Após os poucos registros sobre a continuidade das

atividades do movimento homossexual no Brasil, uma nova página começa a ser escrita em relação às iniciativas militantes, que ocorre em um terceiro momento, numa fase mais forte nos anos de 1990.

Facchini (2003) afirma que, quando iniciou o contato com os ativistas e organizações do movimento homossexual, em 1995, percebeu que o movimento chegou ao processo de “redemocratização”, em relação ao modelo de organização comunitária - onde pessoas gays passavam a apoiar e fortalecer ações em prol da comunidade -, e ao surgimento da AIDS. Desse modo, o movimento político social começa a ganhar força.

De acordo com Facchini (2003), esse movimento político e social começa a se solidificar através de

[...] ação junto a parlamentares com proposição de projetos de lei nos níveis federal, estadual e municipal, atuação junto a agências estatais ligadas aos temas DST/AIDS e Direitos Humanos, formulação de diversas respostas frente à exclusão das organizações religiosas, criação de associações de grupos/organizações em nível nacional e local como a Associação Brasileira de Gay, Lésbicas e Travestis ou o Fórum Paulista de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros e a organização de eventos de rua, como a manifestação realizada por ocasião do dia do Orgulho Gay na cidade de São Paulo, que, no ano de 2002, contou com a presença estimada pelos organizadores de cerca de 500.000 pessoas (Facchini, p. 85, 2003).

Nesse sentido, despontava a presença da mídia, marcada por um profuso aumento na participação em movimentos de direitos humanos, enfrentamento e resposta relativas à AIDS – que impactava diretamente o movimento homossexual – em defesa dos direitos a dignidade e vida de pessoas LGBTQIAPN+ no país.

Vale lembrar que o contexto de identificação, aceitação e diálogo sobre as questões homoafetivas têm um histórico marcado por preconceitos e discriminações, que levaram à guetificação das pessoas desta orientação sexual, que fugissem a imposição heteronormativa. Green (2019), afirma que

[...] uma pesquisa realizada em maio de 1993, numa amostra de dois mil homens e mulheres, brasileiros, revelou um persistente desconforto diante da homossexualidade. Embora 50% confirmassem ter contato diário com homossexuais no trabalho, em sua vizinhança ou nos bares e clubes que frequentavam, 56% admitiram que mudariam seu comportamento em relação a um colega caso descobrissem que ele ou ela era homossexual. Um em cada cinco romperiam de vez o contato com a pessoa. (Green, 2019, p. 34).

Os gays foram forçados a se manterem escondidos ou a reprimir a sua orientação sexual, o que ocasionou inúmeros problemas e conflitos relacionados à saúde física e mental. Porém, a resistência para viver as

experiências humanas, sociais e sexuais fez com que esse grupo criasse meios para se comunicar, se relacionar e existir frente às adversidades. A linguagem foi um desses meios utilizados.

A partir de então, começa-se a focar, de maneira sutil, para a forma como os gays falavam. Os termos utilizados – chamados de *pajubá* ou *bajubá* surgiam, em sua maioria, advindos do Yorubá e Nagô, mesma língua africana utilizada nos terreiros de religiões de matrizes africanas (ex.: “onde está o ocó?”, significando dizer “onde está o homem?”). A utilização pode ser atribuída ao fato de ser uma linguagem não compreendida por todos, com o intuito de construir diálogos mais pessoais com seus interlocutores. Outros eram aprimorados e criados pelos homossexuais a partir das vivências e tendências da época (ex.: “amiga, acho que me deram a Elza”, que diz sobre um homossexual informar sobre ter sido “roubado”).

Neste sentido, Lucas Lima (2017, p. 33) afirma que

o pajubá ... ou em outra variação, bajubá, tem origem nos dialetos africanos Yorubá e Nagô, prodigamente utilizados pelo chamado povo de santo, praticantes da religião de matriz afrobrasileira, notadamente o candomblé e a umbanda (Lucas Lima, 2017, p. 33)

Ainda sobre essa definição, Lucas Lima (2019, p. 33) apresenta o que chama de “uma definição simples, mas não menos complexa de *pajubá*”. Para ele é

o repertório vocabular utilizado pelas comunidades LGBTQIAPN+’s. Mas não só: o pajubá, para além de uma lista de palavras engraçadas e 'exóticas', é reinvenção constante, que produziria ou ensinaria redes de solidariedade entre as 'guei' (Lucas Lima, 2017, p. 33).

Em relação a essa apropriação linguística e cultural, o autor sustenta que

*O pajubá me ajudou, naquele momento, a enfrentar discursos de ódio, cujos propósitos residem, em grande medida, na desqualificação do sujeito, na injúria à sua subjetividade; o insulto que desassujeita até o ponto de nada ali restar: eis o resumo da subalternização. Da minoração da vida. Pelo e com o pajubá me entendi *pajubeyro*: capaz de ler e ressignificar as relações sociais nas quais estava imerso(...) e me entender como sujeito criativo, com potencial de construir uma gramática outra, capaz de oferecer uma alternativa à gramática normativa e regulatória, que sustenta hierarquias e tanto dano causa aos sujeitos (Lucas Lima, 2017, p. 22).*

O modo transformador que as palavras assumem na vida do falante, tanto para a elevação de feitos, como para degradação do indivíduo, é apresentado pelo autor como proposta de reflexão sobre as contribuições da

chamada *linguagem pajubeyra* no seu cotidiano de vida. A linguagem é apresentada como uma forma de enfrentamento das situações que tendem a diminuir os sujeitos, propiciando força para se entender como um sujeito é capaz de criar e potencializar ações de enfrentamento frente às opressões vivenciadas.

Em relação às críticas sobre uma possível criação de guetos para fugir da realidade, Lucas Lima (2017) afirma

Não creio que se trate de defender uma guetificação da produção de conhecimento na área de estudos das (homo)sexualidades e dos gêneros, o que seria cair no que considero uma cilada das políticas identitárias, mas sim de nos assumirmos enquanto sujeitos viáveis e legíveis, aproximando-nos dos objetos - que somos nós mesmos - e, nesse mesmo movimento, lê-los e produzi-los durante o percurso (Lucas Lima, 2017 p. 28-29).

O léxico de uma comunidade é instrumento de transformação social, marca identitária que fortalece o indivíduo em seu percurso humano.

A Sociolinguística Variacionista é um estudo sobre a língua que, segundo Tarallo (2003), “é o veículo de comunicação usado em situações naturais de interação social do tipo face a face”. Marcuschi (2003) afirma ainda que “para produzir e sustentar uma conversação, duas pessoas devem partilhar um mínimo de conhecimentos comuns. Entre eles estão a aptidão linguística, o envolvimento cultural e o domínio de situações sociais”. (Marcuschi, 2003, p. 6).

1.3 Os fatores extralinguísticos

Além da variante linguística do pajubá, podemos observar outros exemplos de desvios em relação à norma padrão da Língua Portuguesa, como é o caso das gírias, frequentemente presentes em grupos sociais que enfrentam desafios socioeconômicos específicos. Como observado por Preti (2006), a linguagem, incluindo o uso de gírias e outras variantes linguísticas, muitas vezes reflete as dinâmicas sociais e culturais de um determinado grupo.

É importante reconhecer que esses desvios linguísticos não devem ser automaticamente estigmatizados, pois desempenham um papel significativo na expressão da identidade cultural e na criação de laços dentro de comunidades específicas. No entanto, também é fundamental compreender como essas

variantes linguísticas podem ser afetadas por questões de desigualdade social e econômica.

Nesse sentido, a análise da linguagem e de suas variações nos permite explorar não apenas aspectos linguísticos, mas também questões mais amplas relacionadas à inclusão social, ao acesso à educação e às oportunidades econômicas. Preti (2006) afirma que

[...] quando se trata da história da gíria, conhecê-la significa penetrar no mundo da marginalidade, na vida dos grupos excluídos da sociedade pela sua própria condição de pobreza ou pelas suas atividades peculiares (não raro ilícitas), os quais buscam com a criação de um vocabulário criptológico uma forma de defesa de suas comunidades restritas. Mas, por outro lado, historicamente, são os mesmos motivos de preservação e segurança que fizeram com que comerciantes ambulantes, mascates, na Idade Média, criassem seus próprios códigos secretos de identificação. E essa gíria da marginalidade e do comércio se mistura também à de um povo surgido na Índia, historicamente discriminado, os ciganos, que, com sua vida nômade, espalharam seu vocabulário em várias áreas da Europa e, posteriormente, da América (Preti, 2006, p. 242).

Preti ilustra como as gírias desempenham papéis complexos na sociedade, desde a criação de um senso de pertencimento e segurança em grupos marginalizados até a preservação de tradições culturais e identidades únicas. Ela nos lembra que a linguagem está intrinsecamente ligada à nossa história social e cultural, refletindo a diversidade e a complexidade das experiências humanas ao longo do tempo.

As questões levantadas revelam uma profunda interconexão entre a apropriação de recursos linguísticos considerados "adequados" ou "corretos" pela classe privilegiada da sociedade e a ausência dessa apropriação por parte da classe mais desfavorecida. Além disso, elas apontam para a formação de novas manifestações linguísticas que são características da comunidade que utiliza a linguagem como uma ferramenta vital para se comunicar dentro de seu contexto social específico.

Os padrões linguísticos estão em constante evolução, atuando como espelhos das realidades sociais e culturais de seus falantes. Essas questões destacam que o acesso, ou a falta dele, a elementos linguísticos essenciais está diretamente relacionado a questões fundamentais de sobrevivência, como o ambiente social no qual as pessoas vivem, as condições de moradia, saúde e educação, entre outras variáveis que podem influenciar a escolha de uma ou outra variante linguística.

É crucial compreender que as escolhas linguísticas não são feitas de maneira arbitrária, mas são moldadas pelas circunstâncias em que os indivíduos estão inseridos. A língua é, portanto, uma ferramenta poderosa que reflete não apenas como nos comunicamos, mas também quem somos e quais são as experiências que moldam nossas vidas. Conseqüentemente, as políticas linguísticas e a promoção da igualdade de acesso a recursos linguísticos adequados desempenham um papel fundamental na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Para Tarallo (2000)

Tudo aquilo que servir de pretexto e co-texto à variável (isto é, tudo aquilo que não for estritamente linguístico) poderá ser relevante para a resolução do seu “caso”. A formalidade vs. a informalidade do discurso, o nível socioeconômico do falante, sua escolaridade, faixa etária e sexo poderão ser considerados como possíveis grupos de fatores condicionadores. Esses parâmetros não são, no entanto, facilmente operacionalizáveis (Tarallo, 2000, p. 46)

Com este comentário, Tarallo (2000, p. 46) lança uma distinção entre como a formalidade e informalidade na linguagem é destacada como um fator relevante. Isso ressalta que a escolha das palavras, a gramática e o estilo variam de acordo com o contexto social e comunicativo. O nível socioeconômico do falante também é mencionado como um elemento importante, pois as condições materiais de vida de uma pessoa muitas vezes se refletem em sua linguagem.

Além disso, o autor aponta para a influência da escolaridade, faixa etária e sexo como fatores condicionadores. Cada um desses elementos desempenha um papel na modelagem da linguagem de um indivíduo, afetando seu vocabulário, sua pronúncia e até mesmo sua estrutura de pensamento.

No entanto, Tarallo destaca a dificuldade de operacionalizar esses parâmetros, o que significa que medir e quantificar esses fatores para análise linguística pode ser um desafio complexo. Isso nos lembra que a linguagem é um fenômeno intrinsecamente humano e multifacetado, e qualquer tentativa de compreendê-la deve levar em consideração uma miríade de influências contextuais.

Portanto, a compreensão da linguagem vai além das fronteiras puramente linguísticas e exige uma abordagem que leve em consideração o contexto social, cultural e individual em que a linguagem é usada. Essa compreensão mais profunda é fundamental não apenas para os linguistas, mas

também para todos aqueles interessados em explorar como a linguagem reflete e influencia a sociedade e a identidade individual.

1.4 A metaforização

Para Charaudeau e Maingueneau (2002), “metáfora é uma figura do discurso que possui funções de caráter estético, cognitivo e persuasivo”. Os processos metafóricos enriquecem bastante a nossa língua, principalmente quando o propósito é divertir por meio da linguagem. Por isso, o uso do *pajubá* é extremamente diversificado no falar da comunidade LGBTQIAPN+ e, a cada dia, cria uma nova expressão que acaba caindo até no gosto do público que não é gay, principalmente das mulheres que têm amigos homoafetivos.

Sem dúvida, a socio-interação por meio desses “atores” do universo gay acaba chegando aos tablados dos programas de paródias e de *stand up*; às chamadas de novelas da TV brasileira; e, na proliferação do maior fenômeno de nossa tecnologia - as redes sociais. Provavelmente há pessoas que nunca ouviram falar em *pajubá* ou *pajubês*, mas quando começam a ouvir as expressões, percebem que, em algum momento, já viram alguém usar, em determinadas situações de comunicação, principalmente àquelas ligadas a cenas engraçadas, geralmente em contextos metafóricos.

Aristóteles (1959) define a metáfora ou metonímia como “a transposição do nome de uma coisa para outra, transposição do gênero para a espécie, ou de espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, por via de analogia”. Diante dessa conceituação, precisamos complementar o pensamento aristotélico aos três tipos de metáforas: o desvio, o empréstimo e a substituição. O primeiro muda o uso habitual da palavra; o segundo empresta um outro sentido; o último substitui uma palavra ausente por outra.

Para Jakobson (2001), a metáfora pode ser generalizada, não por sua essência substitutiva, e sim por sua essência predicativa, ou seja, olhada pelo prisma semiótico, substituição de um termo por outro. Já na visão de Ricoeur (2000), nós estudamos a metáfora como fenômeno semântico, a assimilação de uma à outra de duas áreas de significação por meio de uma atribuição insólita.

Certamente, o *pajubá* vem carregado de sentido metafórico, particularmente de várias metonímias, quando ligamos as expressões

utilizadas na comunidade LGBTQIAPN+ ao seu verdadeiro sentido semântico, como ocorre, por exemplo, no termo “*amapô*” de origem iorubá, cujo significado é vagina. Assim, fica clara a metonímia da parte pelo todo, conforme o seu uso no pajubá. Todavia o uso do termo ‘*amapô*’ é mais comum e menos explícito, evitando, assim, ofender o público que não é homossexual.

Para Lakoff e Jonhson (1980), tanto a metáfora quanto à metonímia evidenciam-se como processos cognitivos geradores de conhecimento, por meio de experiências humanas no âmbito físico, cultural e social. É importante ressaltar que muitas expressões do universo comum do português brasileiro são usadas no pajubá, porém adotadas de significado bem diferente do usual. Exemplos:

Babado – Acontecimento qualquer, podendo tanto ser bom quanto mau. Pode estar relacionado também a um caso amoroso ou sexual.

Barbie – Homossexual de corpo inflado, adepto da musculação e das bombas anabolizantes.

Bater um bolo – Masturbação entre gays.

Carão – Pose, esnobação, presunção.

Cheque – Restos de fezes que borram a cueca, o órgão sexual do parceiro ou a camisinha.

Chuca – Instrumento utilizado para a limpeza do reto.

Colar velcro - Relação sexual entre lésbicas.

Gillette – Antigo termo para designar o homem bissexual.

Mala – Pênis. Geralmente referindo-se ao volume grande do pênis na roupa.

Tia SIDA – O vírus da AIDS.

Como observamos, há constante presença de *metonímia* nas expressões acima, que, segundo Dubois (1978), “é o fenômeno linguístico pelo qual uma noção é designada por um termo diferente do que seria necessário, estando as duas noções ligadas por uma relação de causa e efeito”, conforme ocorre na expressão ‘havaiana’, do pajubá, que nada mais é do que a marca pelo produto, fazendo ligação ao termo ‘sandália’, como popularmente algumas comunidades gays falam quando se referem às lésbicas. Ou, ainda, a expressão do pajubá arcaico ‘gillette’, cujo nome surge a partir do produto, ou seja, a partir de sua marca, fazendo alusão ao bissexual, comumente falada pela sociedade da década de 80.

No que tange às expressões metaforizadas, podemos ilustrar com o exemplo listado ‘bater um bolo’, que na linguagem da culinária, corresponde ao gesto feito com a mão no momento de misturar todos os ingredientes para formar a massa. Assim seria para o gay quando se refere ao parceiro ou a si mesmo no ato da masturbação. Outro caso metaforizado que também se aplica bastante nos dias de hoje é o termo ‘tia, ou tia sida’, fazendo alusão ao vírus da AIDS, dando à doença um aspecto personificado, como sendo algo íntimo (um ente querido) da figura do homossexual, posto no início da década de 80, o vírus do HIV ter sido alcunhado de “câncer-gay”. Atualmente muitos a chamam de ‘as letrinhas’.

Além da expressão fazendo referência ao vírus da AIDS, podemos extrair do fragmento da entrevista os termos ‘catou’ (observar, olhar, pegar) e uma singularidade do uso do artigo feminino antes do termo ‘as gay’, afirmando a sua identidade com o sexo feminino e não com o masculino. E, aparece também a expressão “só no *close*”, muito comum no pajubá quando, por meio do gesto, faz cenas fotográficas, como se fossem modelos. Ainda sobre o vírus, agora na visão de um teórico que postula

Inicialmente, a incidência dessa enfermidade concentrava-se quase que exclusivamente em grupos populacionais específicos como homens que fazem sexo com outros homens (homossexuais e bissexuais masculinos) hemofílicos e aqueles que receberam sangue e hemoderivados e usuários de drogas intravenosas. Surgiu então a ideia de grupo de risco, que disseminou a falsa percepção na sociedade de que somente as pessoas que se enquadravam nessa categoria estariam suscetíveis à infecção pelo HIV (*Human Immunodeficiency Virus*) (Xavier *et al.*, 1997).

Como bem observamos até aqui, acerca de sentido metafórico, as figuras de linguagem são responsáveis por embelezar e dar vida ao discurso, antes elas eram meramente estéticas. Porém, envolto ao pajubá e no tocante à retórica moderna, podemos assegurar que já usamos as figuras como recurso discursivo e produtor de sentidos que segundo Cohen seria

A função da linguagem figurada é estética. A figura empresta ao discurso mais “graça”, “vivacidade”, “nobreza”, etc., termos igualmente vagos e quase sinônimos *boy* do inglês = garoto *Close* do inglês = fechar que se relacionam com a grande função estética, a qual, ao lado do “ensino” e da “persuasão”, constitui a plurifuncionalidade da linguagem, segundo a retórica tradicional. (Cohen, 1975).

Para ilustrar melhor o tópico das metaforizações, nada melhor do que usar da própria metáfora “dar pinta”, cujo sentido seria ‘fazer trejeitos efeminados, propositadamente ou não; mostrar afetação’. Para os

homoafetivos não assumidos, há um certo incômodo com o grupo das travestis, por apresentarem características físicas de mulher, ou mesmo, acharem que são mulheres.

Todavia, se a comunidade LGBTQIAPN+ olhar por um prisma linguístico-antropológico, ou seja, levando em consideração seus fenômenos históricos e culturais pelos quais passa o pajubá em seu processo de formação, perceberemos o quanto devemos agradecer às travestis, pois são elas, dentro da comunidade LGBTQIAPN+, as que mais falam e disseminam as expressões do pajubá para as ruas, e, assim, tem enriquecido as pesquisas dentro do campo da Antropologia, da Sociologia e da Linguística.

Dessa forma, é precioso o uso da metaforização do pajubá para o enriquecimento linguístico LGBTQIAPN+. Por hora, agradando mais do que prejudicando a comunidade que não é gay, com todas as expressões que, aos poucos, começam a ganhar o gosto do público nas redes sociais e que, a cada dia, conquista espaço na rádio e na mídia televisiva.

1.5 O pajubá sob a ótica da sociolinguística variacionista

O pajubá é considerado uma língua ou uma variável linguística que, como veremos a seguir, está intrinsecamente ligada às características culturais de seus falantes. Para aprofundar, do já citado acima, nossa compreensão dessa variável e examinar os fatores que podem influenciá-la, sejam eles de natureza linguística ou social, é crucial contar com a contribuição dos estudos da Sociolinguística Variacionista.

A Sociolinguística Variacionista desempenha um papel fundamental ao fornecer ferramentas e abordagens analíticas que nos auxiliam na exploração dos contextos e na compreensão das dinâmicas que cercam o pajubá. Essa disciplina oferece insights valiosos sobre como as variações linguísticas ocorrem em diferentes grupos sociais e culturais, bem como sobre os fatores que motivam a escolha de determinadas formas linguísticas em detrimento de outras.

Ao aplicar os princípios da Sociolinguística Variacionista ao estudo do pajubá, podemos identificar como essa variável se manifesta em diferentes situações de comunicação, como ela é percebida por seus usuários e como está enraizada nas identidades culturais desses falantes. Além disso, podemos

investigar como fatores sociais, como pertencimento a grupos específicos ou contextos de uso da língua, podem desempenhar um papel na variação e na escolha de variantes dentro do pajubá.

Assim, a Sociolinguística Variacionista emerge como uma abordagem valiosa para desvendar os complexos entrelaçamentos entre a língua pajubá e a cultura de seus falantes, bem como para lançar luz sobre os fatores linguísticos e sociais que moldam essa variável de maneira única e significativa. Para compreender como se dá o uso da linguagem na comunidade LGBTQIAPN+, podemos observar o mesmo fenômeno nas mais diversas comunidades.

Em toda comunidade ou círculo social, onde se utiliza a fala como principal meio de interação, podemos, com frequência, identificar formas de variação da língua, que na maioria das ocorrências surgem de maneira espontânea. Assim, um cidadão brasileiro que conhece um produto alimentício pelo nome de “chopp” no norte do Brasil, chamará o mesmo produto de “sacolê” mais ao sul, e assim por diante.

Essas diferentes formas de se referir a um mesmo elemento são chamadas na Sociolinguística Variacionista de “variação”. Essas variações linguísticas podem ocorrer em diferentes níveis linguísticos, como o léxico, a fonologia, a morfologia ou a sintaxe, que veremos mais à frente são influenciadas por uma série de fatores, incluindo a geografia, a cultura, o contexto social e o histórico de contato linguístico de uma determinada comunidade.

A Sociolinguística Variacionista se dedica ao estudo dessas variações linguísticas, buscando compreender como e por que elas surgem e se propagam dentro de uma comunidade. Segundo Tarallo: “Variantes linguísticas’ são, portanto, diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística” (2000, p.08).

Tendo em vista que as variáveis linguísticas não se restringem apenas à comunidade LGBTQIAPN+, veremos ainda que, para trabalhar as variáveis de um grupo social, também há de se levar em conta a especificidade do falante. Conforme argumentado no tópico anterior, é impossível estudar a língua sem levar em consideração os aspectos sociais atrelados a ela.

Ao tomarmos o exemplo do professor Napoleão Mendes de Almeida, observamos que a língua em sua norma culta é defendida como a forma sublime, ou melhor, correta, da língua portuguesa. Este pensamento materializa-se na realidade quando observamos que a classe privilegiada utiliza a norma culta em esferas importantes da sociedade; em tribunais e eventos de relevância jurídica, por exemplo, é uma formalidade indispensável o uso da norma culta. Este fato aponta para uma questão evidente: se um cidadão não domina a forma culta, muito possivelmente estará submetido a um déficit com esta esfera, o que poderá acarretar o não exercício dos seus direitos. Bortoni-Ricardo (2004) explica que

Assim, as variedades faladas pelos grupos de maior poder político e econômico passam a ser vistas como variedades mais bonitas e até mais corretas. Mas essas variedades, que ganham prestígio porque são faladas por grupos de maior poder, nada tem de intrinsecamente superior as demais. O prestígio que adquirem é mero resultado de fatores políticos e econômicos (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 34).

Portanto, diferentemente do que possam alguns conjecturar, não há um consenso de que a norma padrão da língua portuguesa é a variável mais adequada ou mais legítima. Bagno (2007) enfatiza que ela deve figurar como uma variável a mais a ser utilizada pelo falante.

Bortoni-Ricardo (2004) aborda o conceito de prestígio linguístico, destacando como as variedades linguísticas faladas por grupos com maior poder político e econômico tendem a ser percebidas como mais bonitas e até mesmo mais corretas pela sociedade. No entanto, argumenta que essa percepção de superioridade não é intrínseca às variedades em si, mas sim um resultado de fatores políticos e econômicos que conferem status e prestígio a essas formas linguísticas.

Com isto, materializa-se a ideia de que as variedades linguísticas não devem ser julgadas com base em critérios de superioridade intrínseca, mas sim compreendidas como manifestações igualmente válidas da diversidade linguística, pois a associação entre prestígio e determinadas variedades é, na verdade, uma construção social que reflete desigualdades de poder na sociedade.

Além disso, é importante reconhecer a riqueza e a importância das diversas formas de expressão linguística, promovendo a valorização de todas as variedades linguísticas e combatendo a discriminação linguística. É por meio

do estudo sociolinguístico que podemos entender as relações entre poder, prestígio e linguagem na sociedade.

Ademais, segundo Tarallo (2000), as variações linguísticas podem ser esquematizadas em um sistema de cinco pontos principais

- 1) um levantamento exaustivo de dados de língua falada, para fins de análise, dados estes que refletem mais fielmente o vernáculo da comunidade;
- 2) descrição detalhada da variável, acompanhada de um perfil completo das variantes que a constituem;
- 3) análise dos possíveis fatores condicionadores (linguísticos e não linguísticos) que favorecem o uso de uma variante sobre a(s) outra(s);
- 4) encaixamento da variável no sistema linguístico e social da comunidade: em que nível linguístico e social da comunidade a variável pode ser colocada;
- 5) projeção histórica da variável no sistema sociolinguístico da comunidade. A variação não implica necessariamente mudança linguística (ou seja, a relação de contemporização entre as variantes). A mudança, ao contrário, pressupõe a vidência de estado de variação anterior, com resolução de morte para uma das variantes (Tarallo, 2000, p. 11).

Neste sistema, é possível identificar que o processo envolve várias etapas, começando pela obtenção detalhada de informações linguísticas da comunidade em análise, visando refletir com precisão o modo como a língua é utilizada no cotidiano. Após a coleta dos dados, é crucial realizar uma análise detalhada da variável linguística em questão, identificando e categorizando todas as suas variantes. É fundamental, ainda, examinar os elementos que influenciam a preferência por uma variante linguística em detrimento de outras. Esses elementos podem ser de natureza linguística, como a fonologia ou morfologia, ou relacionados a fatores sociais, culturais e econômicos que cercam o uso da língua.

A partir destes pressupostos, a variável em análise deve ser contextualizada no âmbito tanto linguístico quanto social da comunidade, de modo a compreender em que nível da língua e da sociedade ela se insere, bem como sua relação com outros aspectos linguísticos e sociais. Por fim, a análise sociolinguística deve considerar também a evolução histórica da variável no contexto sociolinguístico da comunidade. Isso envolve investigar se a variação linguística está relacionada a mudanças linguísticas ao longo do tempo e se uma das variantes está se tornando mais predominante em detrimento das demais.

Tarallo (2000) ressalta que a variação linguística não implica necessariamente uma mudança linguística iminente; ao contrário, a mudança

pressupõe a existência de um estado de variação anterior, que pode ou não culminar em uma situação em que uma variante se torna dominante em relação às outras. Esses passos são essenciais para compreender a dinâmica da língua em uma comunidade e como a variação linguística é influenciada por diversos.

De fato, a relação entre gênero e linguagem é muito mais complexa do que uma simples distinção entre homens e mulheres. Paiva sugere que outros fatores, como o contexto social, a educação, o nível socioeconômico e até mesmo a percepção do papel de gênero na sociedade, podem influenciar a maneira como as pessoas usam a linguagem. Portanto, não seria adequado reduzir essa variação linguística apenas à questão do gênero biológico.

A sugestão da autora de que outros elementos sociais, culturais e contextuais desempenham um papel significativo na determinação da utilização da norma padrão da língua é fundamental para uma compreensão mais abrangente da variação linguística:

No estudo da correlação entre gênero/sexo e mudança linguística, um aspecto a considerar é o valor social da variante inovadora. Um processo de mudança pode ser a instalação de uma forma prestigiada socialmente ou de uma forma estigmatizada, que infringe padrões linguísticos vigentes. A distinção entre esses dois tipos de mudança permite definir com maior clareza o papel da variável gênero/sexo nos processos de mudança (Paiva, 2010, p. 36).

Esses outros elementos mencionados por Paiva são igualmente relevantes. O ambiente familiar, por exemplo, desempenha um papel crucial na aquisição inicial da linguagem e na exposição das crianças a diferentes formas de falar. Uma família que valoriza a norma padrão da língua provavelmente influenciará seus filhos a adotarem esse padrão em sua fala. Por outro lado, em contextos familiares onde variações linguísticas são mais comuns, as crianças podem adotar esses padrões.

A educação formal também é um fator crucial. A exposição a professores e ambientes escolares que valorizam a norma padrão da língua pode levar os indivíduos a incorporarem esses padrões em sua fala e escrita. Por outro lado, em comunidades onde a educação é limitada ou onde as normas linguísticas são diferentes, as pessoas podem desenvolver variações linguísticas específicas.

A exposição a variedades linguísticas e situações de uso da língua também desempenha um papel importante. Aqueles que têm contato com

diferentes grupos sociais, regionais ou culturais podem adotar elementos de suas respectivas linguagens, levando a uma maior variação linguística. Louris-Jean Calvet em sua obra “Sociolinguística: uma introdução crítica” (2002) ilustra muito bem a necessidade destas considerações

[...] os jovens diriam banheiro, seus pais wc e seus avós, reservados, por exemplo. Pode-se então imaginar que eles se dividam segundo o sexo dos falantes, os homens dizendo mais banheiro e wc e as mulheres, mais toaleta e reservado. Pode-se ainda imaginar que eles se dividam segundo uma escala social, com classes abastadas usando preferencialmente toaletes, e as classes desfavorecidas latrina etc. Teríamos assim um uso forçado, e o fato de utilizar um ou outro termo indicaria que o falante se encontra nessa ou naquela categoria social (mulher, jovem, classe abastada etc.) (Calvet, 2002, p. 103).

Essa análise demonstra como as escolhas linguísticas podem ser indicativas de várias categorias sociais, incluindo gênero, faixa etária e posição socioeconômica. Além disso, a sugestão de que homens podem preferir "banheiro" e "wc" enquanto mulheres usam mais "toaleta" e "reservado" aponta para uma diferença de gênero na escolha vocabular. Isso pode ser influenciado por expectativas sociais sobre como homens e mulheres devem falar e se comportar.

A ideia de que classes sociais abastadas tendem a usar "toaleta", enquanto classes desfavorecidas preferem "latrina", ilustra como a posição socioeconômica também pode influenciar as escolhas linguísticas. Isso reflete a variação sociolinguística, que analisa como fatores sociais, como classe social, educação e contexto social, moldam a maneira como as pessoas falam.

Essa análise destaca a importância de uma abordagem crítica para a compreensão da linguagem e sua relação com a sociedade. Mostra como as escolhas linguísticas não são arbitrárias, mas muitas vezes refletem dinâmicas sociais complexas. A Sociolinguística desempenha um papel fundamental na exploração dessas variações e em revelar como a linguagem está intrinsecamente ligada às nossas identidades sociais e culturais.

1.6 Neologismos - ressignificação

A investigação da natureza do enunciado do falante é de fato uma parte crucial no levantamento de dados linguísticos. Ela nos permite compreender não apenas as estruturas linguísticas, mas também os contextos em que são

empregadas. Quando se trata de neologismos, como aqueles que surgem no pajubá, essa análise torna-se ainda mais relevante.

Os neologismos muitas vezes refletem mudanças sociais, ideológicas e culturais. Eles podem ser indicativos de novas identidades, expressões de resistência ou adaptações criativas à linguagem. Portanto, ao estudar os neologismos no pajubá, é essencial examinar as questões sociais, ideológicas e culturais que estão sendo comunicadas por meio dessas criações linguísticas.

A linguista brasileira Ieda Maria Alves (1994) nos ajuda a compreender um pouco mais a natureza dos neologismos

O acervo lexical de todas as línguas vivas se renova. Enquanto algumas palavras deixam de ser utilizadas e tornam-se arcaicas, uma grande quantidade de unidades léxicas é criada pelos falantes de uma comunidade linguística. Ao processo de criação lexical dá-se o nome de *neologia*. O elemento resultante, a nova palavra, é denominado *neologismo* (Alves, 1994, p. 05).

Conforme Alves, todas as línguas vivas passam por um processo constante de renovação de seu acervo lexical. Isso ocorre porque algumas palavras caem em desuso ao longo do tempo, tornando-se arcaicas devido a mudanças sociais, culturais ou tecnológicas, enquanto, ao mesmo tempo, novas unidades lexicais são criadas pelos falantes de uma determinada comunidade linguística.

A criação de novas palavras é chamada de neologia, e o resultado desse processo é denominado neologismo. Os neologismos podem surgir por várias razões, como para descrever novos conceitos, objetos, tecnologias ou expressar ideias de maneira inovadora. Eles podem ser criados a partir de processos linguísticos como derivação, composição, empréstimo de outras línguas ou até mesmo por acrônimos. Com isto, Alves nos apresenta as categorias de neologismos: os neologismos fonológicos; os sintáticos; os semânticos e os por empréstimos.

Os neologismos fonológicos, segundo Alves, são raros: “A neologia fonológica constitui um mecanismo de criação de palavras extremamente raro. Alguns recursos fonológicos, no entanto, podem ser usados com o intuito de provocarem alterações no item lexical” (1994, p. 12), explica a linguista, ao fornecer como exemplo o neologismo “tchurma”.

Os neologismos sintáticos podem ser formados por derivação – prefixal ou sufixal – ou composição, como é o caso da expressão “desmalufar”, que se

refere ao ex-governador de São Paulo, Paulo Maluf: “Des- prefixa-se a bases da natureza substantival, adjetival e verbal e manifesta, sobretudo, o valor de ‘separação’ da base a que se associa” (Alves, 1994, p. 16).

No caso dos neologismos semânticos, por sua vez, as manifestações podem ocorrer de maneiras diferentes

O neologismo semântico mais usual ocorre quando se verifica uma mudança no conjunto dos semas referentes a uma unidade léxica. Por meio dos processos estilísticos da metáfora, da metonímia, da sinédoque..., vários significados podem ser atribuídos a uma base formal e transformam-na em novos itens lexicais (Alves 1994, p. 62).

É um caso de neologismo semântico a expressão “surfista ferroviário”, que diz respeito às pessoas que embarcam em trens pela parte externa, e se colocam em perigo no intuito de não pagar a passagem.

Por fim, os neologismos por empréstimos estão pautados em estrangeirismos. Neste caso, são muitos os exemplos que podemos resgatar da atualidade, principalmente quando levamos em consideração as redes sociais. Neologismos como “postar”, “instagramável”, “retuitar”, “like”, além de outros exemplos dicionarizados como as palavras “abajur” e “xampu”.

Os neologismos, portanto, representam uma faceta fascinante da evolução da linguagem. Eles são a expressão da nossa criatividade linguística, refletindo não apenas as mudanças culturais, sociais e tecnológicas, mas também a nossa capacidade de adaptação e inovação. Os neologismos não são apenas novas palavras; eles são janelas para compreendermos as transformações da sociedade e da nossa forma de comunicação e o falar pajubá, encontramos uma gama de neologismos.

No entanto, é importante lembrar que nem todos os neologismos sobrevivem ao teste do tempo. Alguns desaparecem rapidamente, enquanto outros se enraízam e se tornam parte permanente do léxico. Essa dinâmica é um reflexo da natureza fluida da linguagem e da sua interação constante com a sociedade. Para o pensador russo Mikhail Bakhtin

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos. E servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. E, portanto, claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A

palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas e efêmeras das mudanças sociais (Bakhtin, 1981, p.28).

Portanto, Bakhtin ressalta que as palavras não são apenas veículos neutros da comunicação, mas são profundamente influenciadas pelos contextos sociais, culturais e ideológicos em que são utilizadas. Elas refletem não apenas o estado atual de uma língua, mas também as tensões e mudanças que ocorrem na sociedade. Portanto, o estudo da linguagem não pode ser dissociado da análise das relações sociais, das transformações culturais e das ideologias que permeiam uma determinada comunidade linguística.

Além disso, o autor destaca a capacidade da linguagem de capturar as nuances das mudanças sociais, muitas vezes registrando aquilo que está em transição, antes mesmo de se consolidar como uma nova forma ideológica. Isso ressalta a importância da linguística e da sociolinguística em particular, como ferramentas para entender não apenas a estrutura da língua, mas também as dinâmicas sociais que a moldam e são moldadas por ela. Portanto, a linguagem desempenha um papel essencial na reflexão sobre a sociedade e na análise de suas transformações.

1.7 A origem do pajubá: línguas em contato – iorubá

Conforme mencionado anteriormente, o pajubá tem suas raízes na língua africana iorubá-anagô, que era amplamente falada nos terreiros de religiões de matriz africana no Brasil. Esse idioma foi apropriado por gays e travestis que frequentavam esses locais, e sua adoção foi influenciada por vários fatores, incluindo a estigmatização histórica das religiões afro-brasileiras. Essas religiões, ainda hoje são alvo de preconceito e associações negativas, sendo erroneamente vinculadas a práticas demoníacas e pagãs.

Os terreiros de candomblé, segundo Barroso, representam espaços de preservação de valores históricos, culturais e linguísticos, apesar das adversidades enfrentadas devido ao período escravista. Nesses espaços, pessoas de diferentes origens se reuniram, mesclando povos, línguas e culturas. A liderança religiosa nos terreiros, representada pelas figuras das "mães" ou "pais de santo," é fundamental e envolve a incorporação de divindades ou entidades por seus adeptos.

O acolhimento por parte das religiões de matriz africana, que se encontra em um lugar tão marginalizado quanto a comunidade LGBTQIAPN+, proporcionou o contato entre as línguas. A utilização do iorubá-anagô como base para o pajubá serviu como uma forma de limitar o acesso ao conteúdo linguístico falado pela maioria das pessoas. Essa estratégia foi adotada devido às circunstâncias de vida da comunidade gay, em especial as travestis nas décadas de 70 e 80 do século XX e sua contínua marginalização social.

Muitos membros da comunidade LGBTQIAPN+ enfrentaram e ainda enfrentam ataques e discriminação, o que os levou a viver em situações precárias, com poucas oportunidades de emprego e frequentemente estigmatizados pela sociedade em geral. Como resultado, alguns indivíduos LGBTQIAPN+ acabaram envolvidos em atividades criminosas ou na prostituição como meios de sobrevivência.

Diante desse contexto hostil, a comunidade LGBTQIAPN+ desenvolveu uma forma de linguagem específica, como já citado anteriormente, o pajubá, que reflete suas experiências e objetiva proteger seus membros das pressões e preconceitos de uma sociedade que, muitas vezes, não os acolhe com respeito. Com a incorporação de elementos do iorubá, o pajubá se desenvolveu ao longo do tempo e agora é reconhecido por sua singularidade. No entanto, ainda enfrenta a estigmatização por parte de uma sociedade que, por muito tempo, não reconheceu nem respeitou a diversidade de identidades de gênero e orientações sexuais.

Uma característica marcante sobre o pajubá é a modificação da maioria das palavras para o gênero feminino, como evidenciado pelo dicionário "Aurélia - a Dicionária da língua afiada", destaque já comentando anteriormente na pesquisa. Essa prática de atribuir gênero feminino a palavras que originalmente são masculinas, é um exemplo notável da criatividade linguística e da construção de uma linguagem própria dentro da comunidade LGBTQIAPN+. A palavra "pênis," por exemplo, possui vários neologismos no gênero feminino: "benga," "bibita," "bilola," "manguaça" e "neca" são alguns exemplos desta característica.

No contexto do pajubá, a modificação de palavras para o gênero feminino não apenas demonstra a diversidade linguística e cultural dentro da comunidade LGBTQIAPN+, mas também destaca como a linguagem pode ser uma ferramenta poderosa para a expressão de identidade e a criação de

espaços inclusivos. Além disso, essa prática pode servir como uma forma de resistência linguística e social, desafiando as normas de gênero estabelecidas pela sociedade heteronormativa.

Por mais que isso nos entristeça ou irrite, é preciso reconhecer que o preconceito linguístico está aí, firme e forte. Não podemos ter a ilusão de querer acabar com ele de uma hora pra outra, porque isso só será possível quando houver uma transformação radical do tipo de sociedade em que estamos inseridos, que é uma sociedade que, para existir, precisa da discriminação de tudo o que é diferente, da exclusão a maioria em benefício de uma pequena minoria, da existência de mecanismos de controle, dominação e marginalização (Bagno, 2015, p. 196).

Ao mencionar que o preconceito linguístico persiste devido à necessidade da sociedade em discriminar o que é diferente, Bagno nos aponta para a direção de que o estigma associado ao pajubá também é uma manifestação dessa mesma dinâmica social. O preconceito linguístico ocorre quando a língua de um grupo minoritário é desvalorizada, menosprezada ou considerada inadequada em relação a um padrão linguístico dominante, frequentemente estigmatizando as variantes linguísticas desses grupos.

No caso do pajubá, a discriminação linguística ocorre porque a linguagem é associada a uma comunidade LGBTQIAPN+ que já enfrenta discriminação em vários níveis. A resistência ao reconhecimento e à valorização do pajubá é um reflexo da necessidade de transformações profundas na sociedade, como Bagno sugere, para combater não apenas o preconceito linguístico, mas também outras formas de discriminação e exclusão.

Em suma, tanto o preconceito linguístico quanto o estigma em relação ao pajubá são produtos de uma sociedade que muitas vezes marginaliza grupos minoritários e valoriza padrões estabelecidos, demonstrando a necessidade de uma mudança mais ampla para promover a aceitação da diversidade linguística e social.

1.8 O pajubá enquanto rede de proteção

Para escapar da violência nas ruas e das diversas formas de opressão que a comunidade LGBTQIAPN+ enfrenta, surgiu uma variante linguística inovadora: o pajubá. Essa linguagem oferece uma camada de proteção aos

seus usuários, já que limita o entendimento apenas àqueles que dominam o seu vocabulário.

Esse fenômeno destaca questões profundamente enraizadas no contexto social, pois é amplamente reconhecido que os indivíduos LGBTQIAPN+, especialmente as travestis, frequentemente são vítimas de ataques violentos e têm suas vidas prejudicadas pela falta de aceitação da sociedade em relação a diferentes formas de existência.

Muitos gays e travestis vivem em ambientes ligados à prostituição e habitam áreas caracterizadas pela vulnerabilidade social, como periferias e favelas, e alguns até residem em prostíbulos, pagando preços exorbitantes para viver em condições precárias. Nessas regiões, a criminalização da prostituição no Brasil cria um ambiente propício para crimes e exploração, perpetuando o moralismo social.

Devido à exposição constante a esses riscos, a necessidade de uma linguagem que proporcione proteção se tornou uma necessidade natural. No submundo da prostituição, essa linguagem funciona como um meio de evitar a polícia, que representa uma das várias ameaças à vida dos indivíduos homossexuais. Essa linguagem não apenas permite que eles se comuniquem de maneira mais segura, mas também fortalece o senso de identidade e pertencimento em um mundo que muitas vezes os marginaliza, pois

O pajubá se estrutura como um mecanismo de subversão na elaboração linguística de uma identidade de grupo, subjetividades individuais, resistências sociais e no confronto com as normas binárias de existência socialmente impostas. Esta linguagem logo se consolidou numa forma de proteção de suas/seus falantes (Junior, 2021, p. 307).

Em sua essência, o pajubá é uma manifestação de resistência às restrições sociais que limitam a expressão de gênero e sexualidade. Ao criar uma linguagem performática (Lima, 2017 p. 68) única e protegida, a comunidade LGBTQIAPN+ consegue estabelecer uma forma de comunicação que é acessível apenas a aqueles que compartilham de suas experiências e perspectivas. Isso não apenas reforça o senso de pertencimento dentro do grupo, mas também serve como um escudo contra a hostilidade e a discriminação externas.

Além disso, o pajubá permite que as pessoas expressem suas subjetividades individuais de uma forma que não é necessariamente compatível com as normas de gênero tradicionais. Ele oferece um espaço onde

as pessoas podem se sentir livres para serem elas mesmas, sem a pressão de conformar-se às expectativas sociais rígidas. Portanto, essa linguagem desempenha um papel essencial na promoção da autoafirmação e da autenticidade dentro da comunidade LGBTQIAPN+

O pajubá é vivido enquanto uma performatividade da linguagem, sendo uma tecnologia que propõe éticas, sociabilidades, aproximações e resistências. Palavras como “alibã”, “mapô”, “odara”, “obé”, “baco”, “cacura”, “colori”, “marafo”, “taba”, etc., ao serem empregadas discursivamente e operacionalizadas na fala fazem do pajubá um discurso “às avessas”, que questiona a lógica dada e imposta e defende posturas e identidades outras (Junior, 2021, p. 309).

No entanto, é importante lembrar que o uso dessa linguagem não deve ser romantizado. Ele é um sintoma de uma sociedade que ainda não conseguiu oferecer igualdade e proteção a todos os seus cidadãos, independentemente de sua orientação sexual.

Enquanto a comunidade LGBTQIAPN+ continua a lutar por seus direitos e reconhecimento, essa linguagem serve como um lembrete vívido das injustiças que persistem em nossa sociedade. Portanto, é fundamental continuar promovendo a conscientização e a educação para erradicar o preconceito e a violência que tornam essas formas de autodefesa linguística necessárias.

1.9 A apropriação do pajubá pela publicidade, propaganda e mídias sociais

Em "Babado Forte" (1999), obra de Érika Palomino, encontramos um relato abrangente sobre a cultura LGBTQIAPN+ nas décadas de 1980 até os anos 2000. Esse período é descrito como o surgimento do "mundinho" pela autora, no qual os códigos sociais da comunidade gay são reinterpretados e ganham visibilidade na subcultura underground da música eletrônica. Esse aumento de visibilidade também contribuiu para a integração dos LGBTQIAPN+ na sociedade em geral.

Dentro desse contexto, surge a primeira tentativa de criar uma sigla para abranger os diversos atores da comunidade gay, resultando na sigla GLS, que inclui gays, lésbicas e simpatizantes. Essa tentativa de representação e inclusão na sigla destaca como a comunidade começa a ficar em evidência no período em questão.

Com o advento da internet, as relações sociais dentro da comunidade LGBTQIAPN+ ganharam novos significados, e o pajubá também passou a incorporar um elemento jocoso entre seus falantes, esse viés humorístico, que surgiu como uma forma de expressão autêntica e criativa, tornou-se uma ferramenta amplamente explorada pelos canais de publicidade e propaganda para atrair a atenção desse grupo específico.

No campo econômico Greco (2021) reúne algumas pesquisas realizadas nos Estados Unidos e no Brasil que destacam o poder aquisitivo dessa comunidade. Nos EUA, uma pesquisa revelou que os LGBTQIAPN+ ganhavam até três vezes mais que a média da população heterossexual. No Brasil, a análise de leitores de uma revista gay mostrou que 48% tinham nível superior, 39% pertenciam às classes A e B, com renda familiar média de R\$ 3.500,00.

Entretanto, Greco enfatiza que essas pesquisas se concentraram principalmente nos gays e lésbicas, não abordando as outras letras da sigla LGBTQIAPN+. Além disso, essas pesquisas têm limitações, como se basear em leitores de revistas e jornais gays ou usuários da internet, o que pode não representar toda a diversidade da comunidade.

A pesquisa também destaca o valor que a comunidade LGBTQIAPN+ atribui à estética, moda e imagem pessoal, independentemente da classe social. No entanto, ressalta que esses dados refletem uma parte da comunidade, principalmente aquela visível em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro.

Com o mercado voltando sua atenção à comunidade, outras questões vieram à tona, como a exploração da imagem dos LGBTQIAPN+ para incentivar o consumo. Greco reforça que deve haver uma distinção entre apoio genuíno e oportunismo, salientando que a consistência é fundamental para demonstrar apoio efetivo à causa LGBTQIAPN+. Realizar uma única campanha não é suficiente; as marcas precisam manter um compromisso constante com a diversidade e a inclusão, pois: “se uma marca faz uma campanha voltada ao público LGBTQIAPN+ uma única vez e nunca mais toca no assunto, pode ser apenas um caso de oportunismo” (Greco, 2021, p. 50).

Além da publicidade e propaganda, a comunidade vem ganhando espaço nas mídias sociais de formas diversas. Um fenômeno que vale a pena ser destacado são os programas em formato de *reality show* voltados para o público LGBTQIAPN+.

Luiz Bragança (2017) descreve como o programa *RuPaul's Drag Race*, muito popular entre a comunidade LGBTQIAPN+ ganhou espaço na indústria midiática, sendo que uma versão brasileira já foi gravada e disponibilizada ao público e é a fonte de exemplificação de nossa pesquisa.

O formato do programa *RuPaul's Drag Race*, está pautado em um grupo de *drag queens* que competem em desafios que abrangem costura, dança, canto e atuação. Essas pessoas são julgadas por personalidades do entretenimento ligadas à comunidade LGBTQIAPN+ e eliminados gradualmente até que uma *drag queen* seja coroada como a "Próxima *Drag Superstar* dos Estados Unidos da América". O programa começou na Logo TV, um canal voltado para o público LGBTQIAPN+, mas agora é transmitido em um canal de entretenimento mais amplo, o VH1, e também está disponível em serviços de *streaming*.

Bragança (2017) argumenta que o sucesso do programa está ligado à ideia de mercado de nichos, onde a economia do entretenimento digital se concentra em atender a grupos específicos de espectadores, em vez de buscar um sucesso massivo. O público LGBTQIAPN+ é visto como um nicho importante para a indústria do entretenimento, e o programa *RuPaul's Drag Race* se encaixa nesse contexto. Bragança comenta

Fica evidente, portanto, que a abertura de espaços midiáticos para as *drag queens* possui intencionalidade comercial. Da mesma maneira, a escolha do uso do formato reality show como base para o programa não é arbitrária. Os reality shows, ou programas de realidade, são um gênero televisivo amplamente aceito pelo público. Seu formato extremamente moldável, possibilita atender demandas mercadológicas e midiáticas, além de possuírem ferramentas de aproximação com o público, gerando uma forma simplificada de transformar os telespectadores em consumidores (Bragança, 2017, p. 62).

Em programas como *RuPaul's Drag Race*, onde a diversidade de identidades e expressões de gênero é celebrada, o uso do pajubá desempenha um papel importante na comunicação entre as *drag queens* e na representação de suas identidades únicas.

Vale ressaltar ainda o fundamental papel da televisão como veículo de comunicação, bem como as atuais redes sociais, que começaram a expandir o pajubá. Desde a década de 80, já tínhamos bordões de alguns personagens com estereótipos gays que caíam na boca do público, e que, conseqüentemente, os homossexuais disseminavam as expressões, exemplos

como os de: Chico Anysio (personagem pai Painho); Jô Soares (personagem Capitão-gay); Jorge Lafond (personagem Vera Verão) e Clodovil. Atualmente, o pajubá e seu vultoso campo lexical são mostrados por apresentadores, como: Marcelo Adnet, Fernanda Lima, Marcus Magela (Ferdinando), Paulo Gustavo (personagem Bicha Bichérrima); Rodrigo Santana (personagem Carol Paixão); e, atores, que se destacaram em programas e novelas globais como Tiago Abravanel (em Chapa Quente como Francelino); Marcelo Serrado (em Fina Estampa como Crô); Mateus Solano (em Amor à vida como Félix); Ailton Graça (como Xana) e Paulo Betti (como Teodoro, o Téo), ambos da novela Império e tantos outros personagens.

E ainda, os fenômenos que se destacaram nos canais fechados como maior exemplo a *drag queen* reconhecida mundialmente, RuPaul, que criou o primeiro reality show gay, como já citado anteriormente (RuPaul's Drag Race) em 2009, que é objeto da pesquisa, estendendo-se até hoje já na sua 16ª temporada; e também os canais do *YouTube*, com personagens ícones para o público LGBTQIAPN+ como: Silvetty Montilla com o reality Academia de Drags e, por último, e não mesmo importante Lorelay Fox com um dos canais mais visualizados pelo público LGBTQIAPN+, chamado 'Para Tudo'.

O pajubá não apenas enriquece a narrativa dos programas de *reality show*, mas também desencadeia discussões sobre as questões e desafios enfrentados pela comunidade LGBTQIAPN+, incluindo a discriminação, o preconceito e a luta por direitos iguais. Essa linguagem especializada cria um senso de pertencimento e solidariedade entre os participantes e o público, fortalecendo a conexão emocional entre todos os envolvidos.

Além disso, o uso do pajubá em programas de TV como *RuPaul's Drag Race* é uma estratégia eficaz para atrair espectadores e consumidores, uma vez que demonstra o compromisso do programa em abraçar a diversidade e a inclusão.

No ambiente da internet, a comunidade LGBTQIAPN+ também ocupa um espaço significativo como já citado, havendo hoje uma gama de influenciadores que produzem conteúdo voltado para a comunidade. Destacamos o pioneirismo do *Blog da Katylene*, que teve grande notoriedade na internet entre os anos de 2004 e 2008, período em que as redes sociais ainda começavam a conquistar terreno dentro do mundo virtual. Katylene dizia ser uma travesti da cidade de Xerém, interior do Estado do Rio de Janeiro,

quando na verdade era um avatar do blogueiro Daniel Carvalho, residente da cidade de São Paulo.

Com tiradas de humor ácido e fofocas do meio LGBTQIAPN+ do mundo dos artistas e sub-celebridades, a personagem conquistou um público fiel que depois reproduzia no mundo real os termos e piadas que permeavam as postagens do blog (Amaral; Krambeck, 2014). Este formato de conteúdo ficou muito popular entre a comunidade e na atualidade destacamos a Dia TV, um canal de televisão via *streaming*, que reúne e divulga o conteúdo dos principais *youtubers* LGBTQIAPN+.

O *pink money*, mencionado anteriormente como o poder de compra da comunidade LGBTQIAPN+, também desempenha um papel nesse contexto, incentivando empresas e emissoras de TV a se associarem a programas que promovem uma imagem progressista e inclusiva.

Além disso, o texto menciona o *pink money* como uma fatia de mercado interessante para as empresas, indicando que a comunidade LGBTQIAPN+ é vista como um grupo com poder de compra significativo. Isso é respaldado por estatísticas sobre a renda média e a classe social dos homossexuais brasileiros.

As mídias sociais são, portanto, um espaço onde os influenciadores, celebridades e indivíduos LGBTQIAPN+ podem se conectar diretamente com suas audiências. O uso do *pajubá* pode gerar engajamento, compartilhamento e apoio por parte dos seguidores, fortalecendo a comunidade e sua visibilidade.

Empresas e marcas reconhecem o poder do *pink money* e buscam formas autênticas de se envolver com a comunidade LGBTQIAPN+ nas mídias sociais. Ao adotar o *pajubá* e apoiar causas LGBTQIAPN+, as marcas podem se conectar com esse público de forma genuína, ao invés de parecerem oportunistas.

Ricardo Gomes, presidente da Câmara de Comércio e Turismo LGBTQIAPN+ do Brasil, explica que: “*Pink Money* é o poder de compra da população LGBTQIANPN+. É o dinheiro injetado na economia por meio da comunidade. Já *pinkwashing* é usar a bandeira como estratégia política, de marketing ou até financeira, mas não colocar o discurso em prática” (Gomes, 2018).

A apropriação do *pajubá* pela publicidade, propaganda e mídias sociais reflete a evolução das discussões sobre diversidade de gênero e orientação

sexual. Isso promove maior representação e visibilidade para a comunidade LGBTQIAPN+ e pode ser uma estratégia para atrair o dinheiro da comunidade homossexual. No entanto, essa apropriação deve ser autêntica e responsável, evitando o "*pinkwashing*" e exigindo um compromisso real com a inclusão. Além disso, destaca a importância da cultura e da linguagem na construção da identidade LGBTQIAPN+. Portanto, é fundamental que as marcas ajam com ética e sinceridade ao adotar essa tendência.

No que tange à esfera epistemológica, o pajubá tem origem afro-brasileira, como já citado anteriormente, criado a partir do contato da língua africana com a língua portuguesa, mais especificamente do iorubá com o nosso português brasileiro.

Conforme postula Beniste (2011), o pajubá ou sua forma variante bajubá, é um termo de origem africana da língua iorubá, que significa 'mistério' ou 'segredo', o qual acabou sendo escolhido pelos LGBTQIANPN+'s para dar nome ao linguajar usado pela comunidade.

Salienta-se que enquanto objeto de estudo, ele é um código linguístico criado por essa comunidade e disseminado através da mídia escrita e televisiva e, atualmente, com a sua divulgação por meio das redes sociais.

Segundo Trevisan (2000), um aspecto fundamental a ser mencionado sobre a disseminação do linguajar homoafetivo é que ele se dá no final da década de 70 e início de 80, logo após a época do período da ditadura militar, que censurava todos que fossem contra os ideais do governo. Logo após a derrocada, vários grupos ganharam destaque no país e, entre eles, destaca-se o grupo dos homossexuais.

Foi no final da década de 70, que um grupo composto por 11 intelectuais (Darcy Penteado, Adão Costa, Aguinaldo Silva, Antonio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Antônio Mascarenhas, Peter Fry e João Silvério Trevisan), protagonizou a criação do primeiro jornal homossexual brasileiro.

Para nos familiarizar um pouco mais, além do que já foi exposto, sobre a existência do pajubá e sua evolução no decorrer da história travada pela luta dos homossexuais para ter voz e vez na sociedade, é importante traçarmos um contexto cronológico de quando as expressões gays começaram a se disseminar até chegar ao termo pajubá, como, atualmente, é denominado o código linguístico da comunidade LGBTQIAPN+. Para isso, começemos pelos

primeiros suportes que trouxeram para o público gay, assuntos focados na sua realidade.

O Lampião da Esquina, que circulou de 1978 a 1981, foi o primeiro jornal com temática homossexual no Brasil, publicado em formato de tabloides, trazia editoriais fixos como: Cartas na mesa (interação entre cartas enviadas pelo público ao jornal para serem respondidas); Esquina (voltado para as reportagens e notícias); uma coluna chamada Bixórdia (onde começava a se propagar expressões do universo gay); além de espaço para informações culturais, indicação de livros, exposições, *shows* e filmes e, por fim, a coluna de entrevista com personalidades gays da época. O propósito do suporte era tirar os gays da margem social e dar “voz” ao discurso dessa classe considerada minoritária. O jornal teve 37 edições. [Cf. Trevisan 2000].

Segundo Trevisan (2000), um jornal homossexual para quê? Nossa resposta, no entanto, é esta: é preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele. O que nos interessa é destruir a imagem-padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara a sua preferência sexual como uma espécie de maldição, que é dado aos ademanos e que sempre esbarra, em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano, neste fator capital: seu sexo não é aquele que ele desejaria ter. Para acabar com essa imagem-padrão, Lampião não pretende solucar a opressão nossa de cada dia, nem pressionar válvulas de escape.

Apenas lembrará que uma parte estatisticamente definível da população brasileira, por carregar nas costas o estigma da não-reprodutividade numa sociedade petrificada na mitologia hebraico-cristã, deve ser caracterizada como uma minoria oprimida. E uma minoria, é elementar nos dias de hoje, precisa de voz. Lampião deixa bem claro o que vai orientar a sua luta

nós nos empenharemos em desmoralizar esse conceito que alguns nos querem impor – que nossa preferência sexual possa interferir negativamente em nossa atuação dentro do mundo em que vivemos. (Conselho editorial, edição experimental nº 0, abril, 1978)

Durante 1981 a 1995, não houve publicação de nenhum veículo de comunicação voltado para o público homossexual, com exceção das revistas de cunho pornográfico. Até surgir uma revista com contexto democrático e de valorização da identidade gay, trazendo reportagens de tendência, cultura, atualidades e comportamento, com o propósito de ajudar os gays da época a

‘saírem do armário’. A *Sui Generis*, foi uma fonte importante no que concerne à luta pelos direitos dos homossexuais, mas sem a militância dos anos de 1970. Após cinco anos de circulação, por motivos financeiros, parou de ser publicada.

Foi então que, no ano de 1997, surge a primeira revista que, realmente, ajudou a disseminar as expressões gays através dos seus artigos. A revista *G Magazine*, voltada para o público homossexual, a qual circulou durante quinze anos. É importante ressaltar que foi neste período, ainda na década de 90, que o termo pajubá começou a ser reconhecido pela comunidade LGBTQIAPN+ como o nome dado às expressões que já tomavam conta nas grandes metrópoles do país. Mas foi com o advento da internet, que o pajubá ganhou, em massa, seus adeptos.

Também trazendo a questão para um viés de embasamento histórico, foi através dos cultos afro-brasileiros que o iorubá, já citado, usado nos eventos religiosos, como, por exemplo, na umbanda, que a comunidade homossexual teve contato com as expressões e começou a usá-las fora do ambiente ritualístico, formando, assim, o pajubá. A umbanda, por ser uma religião que não faz acepção de pessoas, consegue agregar muitos gays.

E através dela a comunidade LGBTQIAPN+ passa a adotar a chamada língua-de-santo e começa a compreender a doutrina e participar ativamente dos rituais, inclusive, cantando os ‘pontos’ da umbanda, que seriam os cânticos de adoração às entidades. Foi vivenciando a realidade dos terreiros e gongás que, aos poucos, os homossexuais começaram a aprender alguns termos do iorubá e, conseqüentemente, começaram a reproduzir nas ruas, formando uma legião de falantes.

Adotada pela comunidade LGBTQIAPN+ como uma “língua-de-resistência”, o pajubá, ao ser transportado para fora do ambiente religioso, começa a sofrer pequenas mudanças, por meio da dinâmica da língua de acordo com o seu contexto de comunicação. Essas alterações podem ser de natureza fônica ou semântica.

Embora o pajubá tenha como significado africano o sentido de ‘segredo’, para contrariar ou, até mesmo, para torná-lo extrovertido, os homossexuais formularam um significado inverso ao que foi dado pelo iorubá. Para a comunidade LGBTQIAPN+, pajubá quer dizer ‘fofoca’ ou ‘novidade’, já que os gays gostam de espalhar alegria por onde passam e, geralmente, falam sobre assuntos diversos como moda, cultura, lazer, sexo, casamento, entre outros.

Um fator negativo que podemos observar, no que condiz ao universo gay, é que mesmo diante de tanta informação propagada, ainda exista um pequeno grupo na sociedade que veja os homossexuais pelo seu caráter inferior e desviante, como se tudo que fizesse fosse contra a moral e os bons costumes da sociedade. Ainda há uma parcela da sociedade brasileira que esconde o homossexual no campo do proibido. Assim, acaba deixando a sua visibilidade ainda mais difícil.

É por esse motivo que nossa pesquisa visa a contribuir aos que estão dentro e fora desta classe, fazendo com que todos percebam que a comunidade LGBTQIAPN+ é detentora de sua própria identidade. Que comungam de um mesmo código em busca de equidade. O pajubá surge, nessa instância, como uma forma de proteção e também de união.

A comunidade homoafetiva, atualmente, desdobra-se em vários segmentos de gêneros, todavia a luta por igualdade de direitos é coletiva. A partir do momento em que ocorre o incômodo, somos levados a pensar que algum espaço começa a ser conquistado nesse sentido, e é por meio da língua que se inicia a construção de uma ideologia que enxergue os homossexuais como seres criativos e autênticos. Prova disso, é a criação de um código linguístico de resistência, e de representatividade social que se condecora como gíria. Acerca disso podemos incitar a discussão postulada no conceito de Pretti (2004), quando ele se posiciona com relação a esse fenômeno linguístico.

Quando falamos em gíria, já citado, devemos ter presente um fenômeno tipicamente sociolinguístico, que pode ser estudado sob duas perspectivas: a primeira, a da chamada gíria de grupo, isto é, a de um vocabulário de grupos sociais restritos, cujo comportamento se afasta da maioria, seja pelo inusitado, seja pelo conflito que estabelecem com a sociedade. Inusitados são, por exemplo, os grupos jovens ligados à música, à dança, às diversões... (Pretti, 2004).

Atualmente, temos muitas tribos urbanas nas grandes metrópoles. E, trazendo para o universo marginal, podemos ilustrar os chamados guetos que fazem uso de um código linguístico formado apenas por expressões da língua portuguesa que é sua língua nativa.

Por todas as razões presentes no universo do código linguístico da comunidade LGBTQIAPN+, nossa pesquisa objetiva analisar o pajubá na

construção da identidade linguística desta tribo urbana; a sua origem e os processos envolvidos na sua formação; além de analisar a sua relação apoiado nos estudos da linguística voltado para o programa *Drag Race* Brasil; e, por fim, a sua relação dentro da sociolinguística no que tange ao processo de eufemismo provocado pelo uso das expressões do universo gay.

II ASPECTOS LEXICAIS

2.1 O léxico

De acordo com Biderman (1998), o léxico é o conjunto de unidades utilizado para nomear todas as coisas, registrando o conhecimento sobre tudo que existe, atribuindo nomenclaturas aos seres animados e inanimados. O léxico é um mecanismo fundamental na estruturação do saber. É através do léxico – da palavra, que se consegue estruturar sentenças, determinar características próprias, individuais e/ou coletivas, de modo a enriquecer a forma de conceber o mundo. Com a possibilidade de atribuição de significado e com o domínio do léxico, o indivíduo pode criar e recriar significações, teoria que muito se aproxima dos objetivos deste estudo.

Fernández Moreno (2005) acrescenta que “para abordar o estudo da variação lexical, é necessário demonstrar a equivalência de uma série de variantes lexicais e, logicamente, encontrar estas variantes no discurso natural” (Fernandez Moreno, 2005, p. 33).

Diante do exposto, compreende-se que a investigação do léxico de um determinado grupo social permite o entendimento acerca de seus costumes, pensamentos, crenças e valores, posto que o recorte analítico (recorte temporal e espacial) de uma comunidade remonta a realidade que ali está impressa. Nessa linha de raciocínio, Isquierdo (2001) afirma que “o estudo de um léxico regional pode fornecer dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida e à visão de mundo de um determinado grupo” (Isquierdo, 2001, p. 91).

Ainda que o léxico de uma sociedade possa ser considerado o seu arcabouço, é aos seus membros falantes que se destina a responsabilidade da criação ou conservação de um determinado vocabulário. De acordo com Fernández Moreno (2005), da mesma forma, a questão de localizar variantes lexicais autênticas não é nada trivial, dada a raridade com que se alternam no discurso.

Assim, alguns especialistas optaram por encontrar as variáveis fora do curso contínuo e natural: por meio de pesquisas e questionários. Se os falantes não costumam usar formas lexicais equivalentes em sua fala espontânea, é

melhor perguntar diretamente a eles em uma pesquisa (Fernández Moreno, 2005, p. 33), no caso, esta pesquisa optou por observar os léxicos utilizados pelos falantes do programa e a observação e outros exemplos.

Por meio dos estudos acerca da variação do léxico são demonstrados os apontamentos nos quais a mudança lexical de um povo encontra-se intrinsecamente ligada às transformações sociais internas que as pessoas vivenciam. A esse respeito, Biderman (2001) aponta que

[...] o léxico se expande, se altera e, às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares: daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o léxico (Biderman, 2001, p. 179).

Ademais, para Vilela (1994, p. 10), o encadeamento léxico de um determinado grupo social e sua língua “pode ser visto como o dicionário ideal duma língua”. Assim, o autor compreende o léxico como um acervo totalitário de palavras, ou dos saberes, experiências e conhecimentos interiorizados pelos falantes, referente às características lexicais das palavras. Acerca da construção e formação de um inventário léxico, o referido autor discorre que o léxico do português é “um corpo formado por elementos de diferentes idades e origens”, somado ao “resultado de uma longa história” (Vilela, 1994, p. 14), sendo este o gabarito linguístico em que “se refletem mais clara e imediatamente todas as mudanças ou inovações políticas, econômicas, sociais, culturais ou científicas” (Vilela, 1994, p. 14). Logo,

[...] as variantes das variáveis podem ser contínuas ou discretas; em qualquer dos casos, a variável mesma tem um espectro contínuo de valores, já que ele inclui a frequência de ocorrência de variantes individuais na fala estendida. O conceito da variável como um elemento estrutural torna desnecessário ver flutuações no uso como externas ao sistema, pois o controle de tal variação faz parte da competência linguística dos membros da comunidade de fala (Weinreich, Labov e Herzog, 2006, p. 123).

Fernández Moreno (2005), afirma que os estudos de variação lexical mostram que fatores extralinguísticos estão contidos neste tipo de variação, sendo eles marcados por crenças, situações, atitudes e traços sociológicos, assim como por fatores linguísticos, tais como: ritmo da fala, repetições ou a língua de origem das palavras.

O léxico de uma comunidade é formado por diversos fatores que dizem respeito às vivências e costumes das pessoas que estão inseridas nos mais

variados contextos. As palavras assumem significações relevantes para aquele meio social, de modo que a expansão lexical é objeto de estudos, inclusive desta pesquisa, que volta os olhos para as lexias utilizadas pelos participantes do reality show e também pelos exemplos apresentados.

2.2 Alguns aspectos teóricos após a descrição do léxico/pajubá

Fazem-se necessárias algumas observações sobre o estrangeirismo no Português já, que na atualidade o pajubá tem se apropriado de termos estrangeiros para a sua utilização, no caso à adaptação segundo Biderman (2001).

Algumas expressões da língua africana iorubá sofrem transformações quanto ao seu processo fonético como forma de aproximar-se de nossa fala. Isso ocorre com inúmeros termos estrangeiros que se incorporaram em nossos dicionários como: abajur = *abat-jour* (francês), sutiã = *soutien* (francês), bife = *beef* (inglês), videoclipe = *video clip* (inglês), entre outros. Da mesma forma como os anglicismos (palavras do inglês) e os galicismos (palavras do francês) ganharam o gosto do público brasileiro, mesmo que, em muitos casos, sob pressão da língua. [Cf. Cunha e Cintra, 2013].

Ainda no cerne de expressões estrangeiras, Biderman (2001) indica três diferentes tipos de estrangeirismos que ocorrem na língua portuguesa:

1) Decalque – versão literal do lexema modelo concretizado, tendo em vista que tais palavras são calcos literais da palavra estrangeira, por exemplo, retroalimentação, supermercado e cartão de crédito;

2) Adaptação da forma estrangeira à fonética e à ortografia, quando, em geral, o estrangeirismo já foi adotado há muito tempo pela nossa cultura, por exemplo, pajem, bugiganga, muxoxo, vatapá entre outros termos de origem africana;

3) Incorporação do vocábulo com a sua grafia original, como ocorre com os termos usados na linguagem das tecnologias, como *mouse*, *hardware*, *software*, *check-up* e *best sellers*, mas sempre com a pronúncia do Português Brasileiro.

Assim, faz-se mister uma explicação sobre o fenômeno do pajubá. De um modo empírico, alguns acham que o termo se resume, unicamente, das expressões que são de origem africana. Todavia, quando se fala em pajubá,

como código linguístico da comunidade LGBTQIAPN+, compreendemos que o seu campo de estudo vai muito além.

2.3 O universo dos antropônimos

Segundo Houaiss (2006) “a *onomástica* é responsável pelo estudo linguístico nos nomes próprios”, sua origem é grega e, de acordo com sua divisão podemos classificá-la em antropônimos (etimologia dos nomes próprios); mitônimos (estudo que nomeia um ser de qualquer mitologia) e topônimos (estuda o nome próprio de um lugar, sítio ou localidade).

Em primeiro lugar, deixemos claro que a parte da onomástica que interessa à nossa pesquisa é o estudo dos antropônimos, pois no pajubá há inúmeros exemplos envolvendo esse recurso. Para iniciar nossos estudos sobre o uso dos antropônimos mais reconhecidos no universo LGBTQIAPN+, é de suma importância que destaquemos dois verbos especiais no uso do pajubá, que são nossos modalizadores discursivos, que mais aparecem em contextos de uso. O primeiro é o “dar”. O segundo é o “fazer”. Geralmente os antropônimos presentes no pajubá estão acompanhados destes dois verbos que muito extravasa a *persona* homoafetiva. Além deles, destacamos também o “ter” e o “estar”, como verbos principais, não como auxiliares. Exemplos:

Dar a Elza – Roubar, afanar, pilhar. Segundo os travestis da década de 80, a expressão faz alusão à cantora Elza Soares, que mesmo tendo uma carreira de sucesso e ganhando muito dinheiro, sofria de cleptomania. Por isso é comum no pajubá alguém falar que *fulano deu a Elza no celular da amapô*.

Estar a Beth Farias – Expressão usada quando se vê alguém que é bonito e gostoso e que incita o desejo sexual. De acordo com nossa história envolvendo a área telenovelistica, o nome da atriz faz alusão à personagem Tieta do Agreste, inspirada na obra de Jorge Amado. Por isso também presenciamos a expressão *estou a Tieta hoje*.

Estar a Heleninha – Bicha alcoólatra, fazendo alusão a personagem Heleninha da novela Vale Tudo interpretado por Renata Sorrah. Ainda nessa mesma vertente, há outra personagem que marcou a história novelística: Nazaré Tedesco, reconhecida por usar uma tesoura para ameaçar as pessoas. Por isso no pajubá costumam dizer *farei a linha Nazaré Tedesco*.

Fazer a Glória – Não estar nem aí; pouco interessado na conversa do outro. Fazendo alusão à participação da atriz Glória Pires nos comentários do Oscar 2016.

Fazer a Kátia ou Fazer a Kátia cega – Agir como se não estivesse vendo a pessoa. Fazendo alusão à cantora Kátia, que estava no auge das paradas de sucesso na década de 80 e é cega. Por isso é comum falarem *fulano fez a Kátia comigo*, ou seja, não me enxergou ou fingiu que não. Por causa dos homoafetivos mais jovens, costuma-se, preferencialmente, o segundo uso, por não terem vivido na época do grande comunicador de nossa televisão brasileira, Chacrinha.

Conforme podemos observar, os antropônimos notadamente fazem referência a figuras femininas do universo mitológico ou a personagens das novelas da televisão brasileira ou cinema e ainda alguma artista ligada à música. Para Campos (2002, p.134), desde a década de 50 (período em que a televisão surgiu no Brasil) as telenovelas fazem parte do cotidiano dos brasileiros e diante das informações que elas apresentam, o telespectador é tentado a trazer para a sua realidade os modismos, implícita ou explicitamente, apresentados por essa produção audiovisual.

Por meio da TV, copiamos roupas, frases, comidas, jargões, cortes de cabelos e até a escolha do nome do filho, ou seja, são verdadeiros modismos lançados por este veículo da indústria cultural que dispõe de ampla capacidade de manipular a audiência e contribuir com a perda da autonomia do indivíduo.

Sem dúvida, é instigante o estudo acerca dos antropônimos, geralmente arraigados pela mídia televisiva, e como ocorre de uma maneira tão dinâmica a criação desse fenômeno, cabe a nós, pesquisadores, acompanharmos todo esse processo.

2.4 O estudo dos verbos na fala da comunidade gay influenciada pelo pajubá como modalizadores linguísticos

O que ocorre com determinados verbos no estudo da fala de parte da comunidade gay que faz uso pajubá, os quais ganham um poder extremamente ímpar no discurso da comunidade LGBTQIAPN+ que segundo Hyland (1998), esses elementos caracterizam os tipos de atos de fala que se deseja desempenhar, revelando maior ou menor grau de engajamento do falante com

relação ao conteúdo proposicional veiculado e apontam as conclusões para as quais os diversos enunciados podem servir de argumento.

Certamente, se no universo dessa fala não existissem esses verbos, as expressões não ganhariam o poder discursivo que têm hoje. Sem contar a mudança de significado que pode causar dúvida para os gays iniciantes no pajubá, chamadas de “bibas debutantes”; ou mesmo para os não pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+, mas que, de alguma maneira, apreciam esses códigos pelo seu toque de humor que produz à fala, principalmente, em se tratando da *persona gay*, que, além de falar com propriedade e, por vezes, com ligeireza na pronúncia das expressões, brinca com a linguagem corporal, o que é primordial para prender a atenção de seu receptor. Exemplos:

Abafar - deixar quieto;

Abalar - fazer o melhor;

Aquendar, acuendar ou akuendar - pegar, olhar;

Atender - fazer programa;

Bater cabelo – sentido real da expressão, no caso dos gays refere-se a performar um um palco onde a artista gira a cabeça de modo a mostrar o quanto peruca ou picumã estão bem fixados ao couro cabeludo, dando a entender que este cabelo postiço faz parte de si mesmo;

Caçar - sair à busca de um parceiro sexual;

Catar – dar-se conta, perceber algo que não está explícito;

Dar close – tentativa de mostrar-se a alguém ou a uma multidão;

Dar pinta – demonstrar trejeitos femininos;

Desaquendar, desacuendar, desakuendar - desapegar, desembaçar, sair;

Fazer a egípcia – olhar para os lados com a intenção de ficar anônima;

Fazer a maldita – praticar algo ruim, falar mal de alguém;

Fazer o boy – praticar o ato sexual com parceiro masculino;

Gongar ou xoxar – ridicularizar, também falar mal de alguém, inferiorizar, algum ato ou performance alheia;

Jogar-se – aproveitar a oportunidade;

Lacrar – arrasar, cumprir muito bem uma missão;

Levar coió – ser repreendido por terceiros;

Não deitar - jamais desistir, não acolher a opinião alheia;

Tombar - falar mal de alguém;

Assim como há verbos fáceis de serem compreendidos no pajubá, há também verbos que acabam surpreendendo no seu campo semântico, como é caso da polissemia do termo “bombar”, que pode corresponder a algo relacionado ao sexo ou com um sentido de elogio a alguém. Deixando claro que, neste último caso, já se tornou comum até para os que não pertencem à comunidade LGBTQIAPN+. Por esse motivo é que os gays acabam atualizando as expressões para blindá-las como um código linguístico de sua comunidade.

2.5 Particularidades no universo linguístico da fala influenciada pelo pajubá

Para compreendermos minimamente os processos linguísticos presentes na fala influenciada pelo pajubá, é importante, primeiro, entender que, em sua estrutura, a Linguística se divide em macrolinguística e microlinguística.

Weedwood (2002) define a primeira como sendo mais ampla, dentro de seu campo de conhecimento, procurando mostrar a construção de uma teoria geral da estrutura da língua; a segunda, refere-se a uma visão mais restrita no escopo da Linguística, trabalhando a língua para fins práticos, especialmente, para a elaboração de métodos aperfeiçoados para o ensino.

Os elementos microlinguísticos se classificam em: Fonética – o estudo dos diferentes sons empregados em linguagens; Fonologia – o estudo dos padrões dos sons básicos de uma língua; Morfologia – o estudo da estrutura interna das palavras; Sintaxe – o estudo de como a linguagem combina palavras para formar frases gramaticais; Semântica – também conhecida como semântica lexical, o estudo dos sentidos das frases e das palavras que a integram e a Lexicologia – o estudo do conjunto das palavras de um idioma, ramo de estudo que contribui para a lexicografia, área de atuação dedicada à elaboração de dicionários, enciclopédias e outras obras que descrevem o uso ou o sentido do léxico.

Já como elementos na construção da macrolinguística temos a Psicolinguística que desvela as relações entre pensamento e linguagem, aquisição e desenvolvimento da linguagem, percepção e produção da fala, modelos de processamento, processos de leitura e letramento, entre outros; a

Sociolinguística – analisa a relação entre linguagem e sociedade, com foco especial no estudo das diferenças linguísticas em comunidade de fala. São temas de discussão:

1. A variação linguística, conceitos como norma culta e norma padrão, o uso do estrangeirismo, entre outros;

2. A Análise do Discurso – a AD, corrente desenvolvida na França, aborda a língua em seu processo histórico. Atende a uma perspectiva não imanentista da linguagem, privilegiando as condições de produção e recepção, bem como os efeitos de sentido;

3. A Linguística do Texto – analisa a relação entre leitor e texto. O leitor é visto como o membro ativo no processo de construção de sentidos; o texto é visto como um processo interacional, e o contexto é sempre parte do texto.

4. Textualidade, estratégias textual-discursivas de construção dos sentidos, formas de articulação textual são temas contemplados pela LT;

5. A Pragmática – Estudo do uso prático da linguagem, isto é, dos princípios que guiam o modo como produzimos e interpretamos significados quando usamos linguagem. Questões sobre o uso concreto da linguagem, atos de fala, implícitos, máximas da comunicação são abordados;

6. A Neurolinguística – estuda os mecanismos do cérebro humano que possibilitam a compreensão, a produção e o conhecimento da linguagem, tanto falada como escrita, ou seja, investiga as relações entre a estrutura do cérebro humano e a capacidade linguística, em particular a aquisição da linguagem e os distúrbios da linguagem que se seguem a lesões cerebrais;

7. A Análise da Conversação – a AC é uma abordagem da Análise do Discurso que foi desenvolvida por um grupo de sociólogos e constitui-se no estudo da interação verbal e não-verbal em situações cotidianas, procurando descrever as interações formais e informais;

8. A Linguística Histórica – estuda a mudança linguística de uma ou várias línguas, como ela surgiu, quais línguas influenciaram sua estrutura e uso, as mudanças que sofreu ao longo do tempo e o porquê dessas mudanças. Uma língua viva não fica estagnada, mas evolui, acompanha a evolução da sociedade que a utiliza como instrumento de comunicação.

Sem dúvida após mostrar com quais elementos linguísticos se preocupam cada área específica, ficará mais didático a sua contribuição para o

universo da linguagem, sendo que o nosso propósito, neste capítulo, é discutir acerca dos fenômenos que ocorrem no pajubá, envolto ao sistema da microlinguística.

III

ASPECTOS METODOLÓGICOS

3.1 Materiais e métodos

Neste capítulo, detalharemos como ocorreu a nossa pesquisa propriamente dita, para o programa de pós-graduação em Letras na área de concentração de estudos linguísticos e com a linha de pesquisa focada na linguagem, discurso e sociedade, enfatizando métodos e técnicas adotados na realização do trabalho, os instrumentos que utilizamos para a coleta dos dados e o procedimento para as informações finais.

3.2 Tipo de pesquisa

Segundo Cervo e Bervian (2002, p.65), nossa pesquisa usou duas aplicabilidades para gerar os melhores resultados possíveis: descritiva e exploratória. Buscamos, no primeiro momento, explicar o problema a partir das observações dos episódios do programa *Drag Race Brasil*, além de referências teóricas publicadas em documentos, ora doravante revistas, dicionários e obras de temática LGBTQIAPN+, que circularam durante as décadas de 70, 80, 90 e anos 2000, dicionários do idioma iorubá e ensaios sobre linguística, procurando analisar os quesitos culturais do passado para tentar dar ao pajubá um caráter científico.

Descritiva para registrar e analisar os fenômenos linguísticos procurando descobrir sua frequência na sociedade, principalmente, na fala desta, específica comunidade homossexual. E exploratória por definir nossos objetivos propostos e buscar mais informações acerca da temática.

Quanto à natureza da pesquisa, podemos afirmar que se trata de uma pesquisa qualitativa, como bem postula Nascimento e Oliveira (2016), articulando dados do pajubá pronunciadas nos episódios descritos no final da pesquisa. O foco desta pesquisa é o programa *Drag Race, Brasil* e outros exemplos que representa o centro das falas dos indivíduos que participam do reality show, observando o pajubá ditos pelos participantes.

3.3 Técnicas e procedimentos para a coleta de dados

Para a coleta de dados, assistiu-se ao programa de seis episódios e nestes destacamos os pajubás falados pelos participantes que variam de 22 a 46 anos e de regiões diferente do país. Também realizamos observação em termos extraídos do dicionária Aurélia. Houve uma marcação de tempo, na qual surgia o pajubá falado por cada participante em volta dos episódios citados.

3.4 Drag Race Brasil e as manifestações do pajubá

Baseado no reality show *RuPaul's Drag Race*, o *Drag Race Brasil* é a primeira edição totalmente formatada para a cultura LGBTQIAPN+ brasileira. Insta salientar que o programa *RuPaul's Drag Race*, lançado em 2009 influenciou e, popularizou ainda mais, a arte *drag* ao redor do globo. As competidoras escolhidas para participar das edições devem ser representações do que há de mais polido em relação à dança, interpretação, maquiagem, costura e modelagem (habilidades mais que essenciais para as que almejam ganhar o título de “*winner*” (Vencedora).

Na versão brasileira, a apresentadora RuPaul é substituída por Grag Queen, artista, cantora, *performer*, *drag queen* brasileira, ganhadora do *Queen of the Universe* (show de talentos de canto norte-americano, produzido para um canal de televisão estadunidense). O *reality* acompanha doze artistas das mais variadas regiões do Brasil, enquanto elas se enfrentam em desafios de canto, costura, interpretação, dança e *lipsync* (cantar sincronizadamente alguma música em *playback*), tudo isso para alcançarem o título de *winner* (ganhadora) da Primeira DragRace brasileira, além de prêmios em dinheiro, jóias e visibilidade.

O formato do programa é de competição, sendo assim, cada semana os participantes são “convidados” a participarem de um mini desafio (este normalmente valendo um prêmio automático de R\$5.000,00 e, às vezes, alguma vantagem para o desafio máximo da semana, como por exemplo, escolher determinado papel para interpretar). O desafio máximo, por sua vez, é o que mais amedronta e instiga os participantes, uma vez que este determina se eles continuam no programa ou devem partir para o *lipsync* (momento do programa em que as duas participantes com as piores avaliações da semana

devem realizar uma competição de dublagem para garantir a sua permanência no programa).

Além da apresentadora Grag Queen, temos Bruna Braga e Dudu Bertholini, ambas personalidades importantes para bandeiras como o movimento negro e o movimento LGBTQIAPN+. O time de jurados também recebe, semanalmente, um jurado especial, sendo que nesta primeira temporada tivemos nomes como Gretchen, Hugo Gloss, Esse Menino, Kéfera Buchmann, Bruna Linzmeyer e outros. Nesta edição brasileira do *reality*, uma novidade implementada foram os broches, prêmio destinado à ganhadora que se destaca na semana, fazendo com que as competidoras pudessem ir acumulando o enfeite até o final.

3.5 Os participantes do programa

Sobre as competidoras temos: Naza, com 22 anos de idade, a competidora é oriunda da cidade de Monte Santo de Minas (Minas Gerais); Diva More, com 42 anos de idade, a competidora é oriunda da cidade de Jaquirana (Rio Grande do Sul); Betina Polaróide, com 46 anos de idade, a competidora é oriunda da cidade do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro); Melusine Sparkle, com 26 anos de idade, a competidora é oriunda da cidade de São José do Rio Preto (São Paulo); Aquarela, com 26 anos de idade, a competidora é oriunda da cidade de Belo Horizonte (Minas Gerais); Miranda Lebrão, com 33 anos de idade, a competidora é oriunda da cidade do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro); Shannon Skarlet, com 26 anos de idade, a competidora é oriunda da cidade de Piraúba (Minas Gerais); Rubi Ocean, com 29 anos de idade, a competidora é oriunda da cidade de Taguatinga (Distrito Federal); Tristan Soledade, com 34 anos de idade, a competidora é oriunda da cidade de Belém (Pará); Hellena Malditta, com 23 anos de idade, a competidora é oriunda da cidade de Salvador (Bahia); Dallas de Vil, com 26 anos de idade, a competidora é oriunda da cidade de Campinas (São Paulo); Organzza, com 30 anos de idade, a competidora é oriunda da cidade do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro).

Podemos observar, considerando apenas as idades e regiões que a produção desta temporada buscou representar a riqueza geográfica do Brasil, uma vez que as cinco regiões do país estão contempladas no elenco. Há uma

riqueza, também, no fator “idade”, sendo a mais nova participante a Naza, com 22 anos na época da gravação do *reality*, e a mais velha participante a Betina Polaróide, com 46 anos de idade.

As diferenças etárias das participantes ficam nítidas quando vemos as referências das mesmas durante a execução dos desafios, principalmente desafios ligados à costura ou a passarela em geral, as “*runaways*” (são desafios que acontecem em todo episódio e permitem às participantes desfilarem um *look* inspirado em alguma temática ligada à cultura brasileira. Tivemos nessa edição um concurso com roupas que estivessem correlacionadas a elementos do Festival de Parintins). Um outro aspecto de diversidade presente está nos corpos das participantes, tendo pessoas negras, brancas, gordas, magras, altas e baixas.

Um dos momentos mais aguardados pelos fãs do reality é a entrada de cada competidora (normalmente chamada de “*queen*”), que por sua vez sempre é – ou deve ser – marcada por uma frase ou expressão que relacione o seu estilo de *drag queen* que combine com a sua personalidade.

Na primeira temporada de Drag Race Brasil, por exemplo, uma das entradas mais icônicas foi da participante Shannon Skarlet que ao entrar no *work room* (um dos principais cenários do *reality*, local em que a maioria dos mini- desafios acontecem) disse: “Não tem babado!”.

Nas versões americanas do *reality*, todas as competidoras entram no primeiro episódio, mas na versão brasileira essa foi a primeira adaptação, as competidoras foram divididas em dois grupos (sem que um grupo soubesse do outro) e foram entrando para participar do programa acreditando que apenas as seis estavam dentro, sendo que apenas no segundo episódio que todas as doze se encontram. No decorrer dos episódios há também uma particularidade, em que recortes de comentários dos participantes são intercalados com o decorrer normal das filmagens, quase configurando-se como uma quebra da quarta parede.

O pajubá pode ser percebido já ao analisarmos os nomes dos episódios, por exemplo, o nome dado ao segundo episódio “Rinha de *Picumãs*”, nesse caso a manifestação do pajubá encontra-se na palavra *picumã*, que em tradução dicionarizada é um termo que se refere a teia de aranha preta por conta de fuligem e engrossada por poeira. Entretanto, no contexto do *reality* e

dos falantes do pajubá, picumã é um termo que se refere a cabelo, principalmente quando se quer aludir a cabelos grandes e volumosos.

No caso do *reality*, muitas perucas utilizadas pelas competidoras são gigantescas e podem ser feitas de materiais diversos como: cabelo humano, *strass*, fios de barbante e etc. Outra expressão muito recorrente no *reality* é *gongar*, que em tradução dicionarizada é uma expressão que alude à exclusão de um participante de uma competição por meio do soar do gongo, mas, no contexto do reality a expressão quer dizer chacoatear alguém ou alguma coisa, o que acontece muito no *work room* entre as competidoras.

Ambas as expressões supracitadas, manifestações do pajubá, demonstram ser derivantes do pajubá resultado da incorporação do dialeto iorubá à língua portuguesa, entretanto, há mais exemplos de manifestações: passada, biscoiteira, não deita, chuchu. “Tá passada?!”, é uma expressão que indica muita surpresa com algo que acabou de acontecer, sendo que a primeira vez que essa expressão é empregada foi aos 00:03:42 do primeiro episódio da primeira temporada de Drag Race Brasil, pela participante Diva More.

Já a expressão *biscoiteira*, que por sua vez não é exclusiva dos falantes do pajubá mas trata-se de uma expressão extremamente difundida pela comunidade LGBTQIAP+ e, que se refere a uma pessoa narcisista, que adora utilizar da própria beleza para angariar elogios (ainda mais em redes sociais), no reality essa expressão se manifesta pela primeira vez na entrada da participante Melusine Sparkle, aos 00:03:59 do supracitado episódio.

Melusine, aos 00:32:14 do primeiro episódio também manifesta, pela primeira vez, a expressão “Não deita!”, sendo essa uma expressão que visa aconselhar uma pessoa a não ser subserviente em uma situação, por exemplo, “Não deita para a sua vizinha folgada”. “Passada”, “Biscoiteira” e “Não deita”, são expressões utilizadas pela comunidade LGBTQIAPN+ de maneira geral, entretanto, a expressão “chuchu” acaba por quase ser um jargão, uma vez que faz parte do pajubá mas é uma expressão mais utilizada pelas *drag queens*, e faz alusão à barba mal aparada e que se sobressai na maquiagem da “*queen*”. No seriado, a participante Naza foi uma participante que ficou muito mencionada por conta do seu “chuchu”, sendo muitas vezes satirizada pelas colegas de competição.

O dialeto utilizado, majoritariamente pela comunidade LGBTQIAPN+ e, amplamente difundido com o lançamento do programa *Drag Race Brasil*, há

tempos intriga a população alheia à cultura da supracitada comunidade, tanto que em 2018 houve uma certa polêmica por uma questão do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) trazer uma questão na prova de Linguagens e Códigos.

A referida questão trazia um excerto de um texto com o título “Acuenda o Pajubá: conheça o ‘dialeto secreto’ utilizado por gays e travestis” e, seu objetivo era instigar o aluno a pensar na pluralidade de variações linguísticas no português falado no Brasil. A alternativa correta à questão era uma opção que afirmava que o pajubá é um dialeto, podendo ser considerado parte do patrimônio linguístico brasileiro, uma vez que este possui registros oficiais.

Num processo de observação e levantamento do léxico empregado pelos participantes conseguimos registrar alguns pajubás que ilustram a força do léxico dos participantes no Drag Race Brasil. Um processo ilustrativo para certificar-se que a utilização do vocabulário enfatiza o grau de intimidade entre os gays participantes e também como registro de resistência como proposto.

IV

DEFINIÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DOS LÉXICOS E EXPRESSÕES

Na temporada um, encontramos seis episódios que serão descritos a seguir, especificamente as falas das personagens, já apresentadas anteriormente.

No programa, episódio 1 (*What'up Lindas!*) encontramos os seguintes pajubás: **03:42 – Tá passada? (Diva More)** - Língua de origem: Português/gíria/verbo participípio/neologismo. Origem: verbo passar, do latim vulgar *passare*, de *passus*, -us, passo. Expressão que significa “Tô emocionada, perplexa, muda”, a frase é predileta da comunidade gay e outras pessoas da sociedade. Significado: ficar assustada, sem rumo. Exemplo: Fiquei passada com o bofe.

03:59 – A biscoiteira chegou (Melusine Sparkle) - Língua de origem: Português/substantivo/gíria. Origem: biscoito + -eira. Significado: pessoa narcisista, preocupada com a sua própria imagem. Vem do ato de dar-se biscoitos como prêmios a um animal de estimação por este cumprir um ato desejado pelo seu tutor. Extrapolando para o mundo das redes sociais, é quando um indivíduo mostra um corpo desejável ou uma pose sensual, onde este ganha “likes”, afagando o seu próprio ego. O ato de procurar “likes” é o mesmo o de procurar “biscoitos”. Exemplo: A biscoiteira não pode ficar sem um *selfie*.

12:59 – Babadeiro (Grag Queen) – fofoca, algum acontecimento. Língua de origem: Português/adjetivo/neologismo. Significado informal: assunto ou ato de consequência palpitante ou explosiva, relato especulativo ou segredo difundido por intriga. Exemplo: Aquela é uma babadeira no seu convívio social.

13:01 – Mona (Aquarela) – gay, tratamento de ordem mais íntima entre homossexuais. Língua de origem: Português – gíria/substantivo. Origem: afro-brasileira. Significado informal: 1. Gay, 2. Travesti, 3. Homem mais velho. Também no dialeto de Veneza na Itália, *mona* se refere ao órgão genital feminino. Exemplo: *Mona*, a senhora lacrou no baile (amiga, você arrasou no baile).

32:14 – Não deita (Melusine Sparkle) - Língua de origem: Português – gíria/verbo. Origem: verbo – conjugação regular, participípio regular. Significado:

não se sujeitar ao outro, não se rebaixar. Jamais desistir, porque alguns gays são altamente competitivos. Exemplo: Mona, não deita para esse bofe (Amiga, não se subjuga a esse cara).

32:23 – Muito bafo (Miranda Lebrão) – Acontecimento polêmico. Língua de origem: francês – estrangeirismo/substantivação/metáfora. Origem: substantivo *bas-fond*. Significado: acontecimento polêmico. Exemplo: Me conta o bafo que aconteceu com ela.

52:27 – Desaquendar (Grag Queen) – Desistir de alguém, sair, esquecer. Língua de origem: Português-gíria; verbo aquendar + prefixo –des. Significado: desistir de alguém, sair, esquecer. Exemplo: O bofe desanquendou a moça (O rapaz despediu a moça).

55:02 – Gongar (Dudu Bertolini) – Humilhar, fazer pilhéria com alguém, tirar sarro, zoar. Língua de origem: Português – gíria/verbo/metaforização. Origem – verbo gongar – radical gong+sufixo verbal indicador de infinitivo –ar que resulta em gongado (radical –gong+sufixo indicador de adjetivo –ado. Surgiu no chamado “Show do Gongo” que passava na televisão nos anos 1980s, quando numa apresentação de calouros o concorrente estava indo mal no palco e não agradava algum dos analistas da mesa examinadora, um destes juízes se levantava e fazia soar um gongo chinês gigante, causando assim a dispensa e desclassificação do calouro. Significado: reprovar, falar mal de algo ou alguém . Exemplo: A mona levou uma gongada na sua apresentação (O gay foi desaprovado em sua apresentação).

56:54 – Muita lacração (Shannon Skarlett) – Arrasar, mandar bem em algo que está fazendo. Língua de origem: Português/gíria/substantivo. Origem: O “lacrar” surgiu na internet como um meme, graças ao vídeo publicado pelo *youtuber* brasileiro Romagaga, em 2013. O termo “lacrar” foi amplamente adotado pela comunidade homossexual. Significado: arrasar ou mandar bem em algo que está fazendo. Exemplo: O time da seleção brasileira vai lacrar muito na copa do mundo.

59:36 – Pra não xoxar a mona no início (Shannon Skarlett). – Para não falar mal do gay no começo (de algo). Língua Portuguesa – gíria/verbo. Origem: verbo xoxar. Significado: falar mal de alguém ou de alguma coisa; debochar.

No episódio 2 (Rinha de *Picumãs*) encontramos os seguintes pajubás:

03:51 – Rinha de picumãs (Grag Queen) - Cabelo, peruca, cabelo natural. Língua de origem: Tupi-guarani /substantivo Significados. Tupi: é a fuligem que se forma, devido ao contato direto de um utensílio com o fogo; Pajubá: peruca, cabeleira; cabelo; Exemplo de uso: O *picumã* daquela amapô é muito bafo (O cabelo daquela mulher é muito incrível).

O processo de aceitação da palavra *picumã* no vocábulo LGBTQIAPN+ é interessante, pois não há nenhuma alteração de metáfora na palavra. A palavra em sua origem apresenta o sentido relacionado à fuligem. No pajubá a palavra ganha significado diferente, passando a ser relacionada a cabelo. É possível aferir que no pajubá a palavra ganhou essa conotação pelo fato da fuligem que se forma durante o contato com o fogo, comum em cozinhas equipadas com fogões de lenha, muito usados no passado, apresenta o formato de cabelo preto. Nota-se que o processo semântico da palavra usada no pajubá foi desencadeado pela semelhança entre o desenho da fuligem e o cabelo. Dessa forma, a semântica original da palavra e o sentido como ela é usada no pajubá são diferentes, ou seja, o vocábulo passou por um processo de alteração completa do seu sentido.

04:41 – Aquézão (Grag Queen) - Muito dinheiro, grana. Língua de origem: afro-brasileira, substantivo. Significado: substantivação da palavra *aqué* ou *acué*. Verbetes que tem por significação algo de valor. Na África Ocidental antiga, eram os búzios oriundos da costa, levados ao vasto continente para serem usados como moedas de troca por víveres. No Brasil atual, a palavra pode ser usada em contexto simbólico de origem afrodescendente. Exemplo: Meu *aqué* acabou cedo demais.

06:10 – Como chegaram entregando “élan” (Grag Queen) - Língua de origem: Português – neologismo/substantivo. Significado: substantivo masculino. Arroubo súbito e passageiro; entusiasmo; disposição. Exemplo: Continuo trabalhando, mas sem aquele élan de outrora.

08:03 – Já estou toda cagada (Helena Maldita) - Expressão que indica que alguém está mal arrumado. Língua de origem: Português – neologismo/adjetivo. Significado: emocionada, perplexa, muda. Esta expressão engana muitas pessoas, pois levada para o universo popular, muitas entenderiam algo relacionado a medo. Exemplo. Fiquei toda cagada com a reação positiva do meu chefe.

33:46 – Voa, amapoa (Dudu Bertolini) - Língua de origem: “*amapoa*” ou *mapô* é um termo que vem do Iorubá e transformou-se em uma gíria de travestis para falar de mulher. Substantivo. Significado: mulher. Exemplo: A amapoa arrasou no cabelo dela.

Já no episódio três (*Tupiniquens*) nos deparamos com os seguintes pajubás:

06:06 – Botei até uma passarela pra vocês entrarem bem “xerecas” (Grag Queen) - Língua de origem: Português – neologismo mais atual/substantivo. Significado: “Ficar de lado”. Expressão foi usada pela participante no BBB 24. Durante um papo na sala do BBB 24 (Globo), Giovanna usou a expressão “fiquei de xereca” e as componentes ficaram confusas com a declaração da nutricionista. Exemplo: A garota ficou xereca na festa (A garota ficou apartada na festa).

27:55 – E o meu “boy” (Helena Malditta) – Homem. Língua de origem: Inglês – estrangeirismo/substantivo. Significado: homem. Exemplo: Meu *boy* está me esperando no cinema.

29:28 – Hoje eu estarei toda “montada” (Organza) - Língua de origem: Português – neologismo/adjetivo. Significado: verbo montar, infinitivo-ar+particípio –ada. Fazer uma produção mais requintada ou ousada do visual para sair a algum lugar. Exemplo: Me montei para ir ao show da Madonna.

No episódio quatro (*Sereias do Atlântico*) nos deparamos com as seguintes expressões:

10:33 – Chuchu (Shannon Skarlett) - Língua de origem: Francês – galicismo/substantivo. Significado: Barba mal-feita. Em nossa língua, termo que deve ser grafado com CH (apesar da insistência no X), provém do francês *chou-chou* (o termo *chou*, neste idioma, compõe o nome de uma série de plantas comestíveis). Outros, no entanto, acreditam que “chuchu” venha de *chufehuf* - palavra utilizada por índios quéchuas (origem boliviana ou peruana) para designar essa espécie. Exemplo: Você precisa se barbear, pois o chuchu está gritando no seu rosto.

13:06 – Cinquenta tons de “shade” (Grag Queen) - Língua de origem: Inglês – anglicismo/substantivo “sombra”. Significado: falar mal, maledicências. Exemplo: Aquela só fica no *shade* com as amigas.

No episódio cinco (*Glamazônia*) encontramos os seguintes pajubás:

03:21 – Botou a bunda pra jogo (Dallas de Vil) - Língua de origem: Português/substantivo. Significado: ir à luta. Exemplo: Botei a bunda para jogo para aqueles fracos.

04:09 – Uma drag queen sai do armário duas vezes (Grag Queen) - Língua de origem: Inglês – anglicismo/substantivo. Significado: um homem que se transveste de mulher tem de ser corajoso duas vezes, uma ao aceitar a condição de homossexual e depois ao se revelar como *drag queen*.

06:27 – Bater um bolão de milhões (Grag Queen) - Língua de origem: Português informal. Significado: ter talento ou habilidade para determinada ação ou missão. Exemplo: Eu bati um bolão no meu trabalho hoje.

52:14 – Um shade motivacional (Betina Polaróide) - Língua de origem: Inglês – anglicismo/substantivo. Significado: falar mal, maledicências com intenção de acordar alguém para cumprir alguma missão. Exemplo: Aquela não vai conseguir pontuar no quesito modelo, fiz um *shade* motivacional para ela.

Por fim, o episódio seis (*Snatch Game*) com mais expressões do pajubá:

04:47 – Ela era do equê (Shannon Skarlett) - Língua de origem: Iorubá/substantivo/neologismo. Significado: Equê ou ekê significa que a pessoa na gira de umbanda ou candomblé ou variantes, está fingindo uma incorporação ou mediunidade; rolo; tramoia. Exemplo: Não vem com *equê* para o meu lado.

13:01 – É melhor arrasar e dar o nome no Snatch Game (Grag Queen) - Língua de origem: Inglês – anglicismo/substantivo. Significado: se sair o melhor no desafio. Exemplo: Hoje farei o *snatch* no meu curso.

16:09 – Por fora eu faço a egípcia (Betina Polaróide) - Língua de origem: Latim Aegyptius, -a, -um/adjetivo. Significado: fingir que não viu alguém em público ou não viu algo acontecer. Exemplo: Ela fez a egípcia na festa quando aconteceu o acidente.

29:38 – Silvety Montila é tão cacura (Grag Queen) - Língua de origem: Português/adjetivo. Significado: Gay velho. Termo para discriminar ainda mais homossexuais (masculinos), com faixa etária igual ou superior aos 40 anos. Idadismo, etarismo gay. Exemplo: Ele já está cacura no tempo.

31:39 – O meu edi (Grag Queen) - Língua de origem: Iorubá/substantivo Significado: Ânus, nádegas. Vem do idioma iorubá. Na origem o termo é usado por pessoas que já frequentaram, frequentam ou que o

conhecem Candomblé, a Umbanda ou mesmo a língua iorubá, atravessando depois rumo ao vernáculo do pájubá. Exemplo: Acordei com meu edi doendo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou a definir a palavra quanto a sua língua de origem, seu significado, contextualizando-o a uma fala do Português falado pela comunidade LGBTQIAPN+, observando o léxico utilizado por homens gays no programa *Drag Race Brasil*, um reality show, versão brasileira, fazendo o levantamento das falas de cada participante em situação de grupo. E também por exemplos de dicionário.

No primeiro capítulo apresenta-se a fundamentação teórica que versa sobre os estudos de variação e mudança linguística, com ênfase na variação regional, dialetal, lexical, grau de formalismo, além de um panorama sócio/histórico da comunidade gay e o léxico utilizado pelo grupo do *reality show* também, foi abordada a fala gay e aspectos da Sociolinguística Variacionista, uma continuidade dos aspectos linguísticos como rede de proteção e os veículos de comunicação.

Já no segundo capítulo verificamos aspectos teóricos e fatores extralinguísticos e sua apresentação nos meios de comunicação. No terceiro capítulo a metodologia do trabalho com enfoque no uso do pajubá, construído com considerações gerais das lexias. No quarto capítulo resultado da pesquisa, de modo descritivo, além de apresentar um suporte teórico sobre o levantamento dos léxicos marcados do programa em questão, traz a marcação de tempo das falas destacadas, numa pesquisa qualitativa e quantitativa, ressaltando que os dados foram coletados por observação. Foram assistidos seis programas da primeira temporada realizada no Brasil, extraído deste o pajubá utilizado pelos personagens no momento exato de cada fala dos participantes.

Percebeu-se uma riqueza nas utilizações de termos e expressões que edificam os falares entre os homens gays, que participaram do *reality* ou exemplos extraídos de dicionário *Aurélia*.

Este trabalho demonstrou que existe a utilização de lexias que fazem parte de um falar específico, através de um léxico construído a partir da espontaneidade e dos momentos de informalidade e descontração, que reflete os saberes construídos, as relações de amizade entre os falantes e a interação que eles podem ampliar com as palavras que usam. Esta pesquisa faz perceber que [determinados grupos dentro do universo gay brasileiro](#) utilizam

lexias, com significações próprias, entre o grupo do qual fazem parte, no momento do programa e também fora dele, com o desejo de reconhecimento de elementos essenciais para estarem em sociedade, principalmente em uma sociedade marcada por inúmeros preconceitos.

Faz reverberar o desejo de compreender mais as inúmeras maneiras que a língua se constrói dentro das comunidades e, principalmente na construção das suas identidades e no seu estar social. Aqui não está apenas um compilado de palavras, mas a identificação e a resistência de grupos que utilizam as significações das lexias como marca forte de resistência.

Observou-se que a “língua gay” é um escudo de proteção **àqueles** que se sentem em perigo diante de uma sociedade repressora em relação à sexualidade e que fogem do padrão estabelecido pelas **ditas normas comportamentais de heterossexuais**. Constatou-se que para tal levantamento do léxico fez de suma importância percorrer os aspectos teóricos da Sociolinguística Variacionista que proporcionou um estudo aproximado do objeto em questão, mais especificamente o aspecto da variação lexical como ciência de significado de cada palavra exposta na fala dos participantes do *Drag Race* Brasil.

Este tipo de reflexão dá-nos a possibilidade de perceber a riqueza do falar que transforma o meio cultural onde cada indivíduo está inserido, abrindo um vasto caminho de análise e reflexão sobre a Sociolinguística Variacionista.

No percurso da análise dos dados observou-se a questão que o falar dessa comunidade se ramificou pelas mídias sociais, televisão e meios de comunicação escrita que acabaram apropriando-se das falas e que hoje, muito dos códigos que pregavam uma singularidade acabou em falas do cotidiano de muitos homens e mulheres, ultrapassou a questão do gênero.

Depois de todo o percurso feito nesse trabalho descritivo observou-se que o pajubá é responsável pela quebra de preconceitos que até então a comunidade LGBTQIAPN+ experimentou por muitas décadas, principalmente no período da ditadura militar no Brasil.

É salutar lembrar também que essa resistência fez um progresso quando extrapolou o gueto gay, iniciando um percurso sem volta para o desenvolvimento da quebra de preconceito em relação ao grupo em questão.

Vale lembrar que todo o percurso de reflexão visou fortalecer os dados teóricos da Sociolinguística, bem como, apreciar com muito humor as falas de

cada integrante do programa *Drag Race* Brasil, que proporcionou um aprofundamento nos estudos e que pode contribuir para os futuros pesquisadores que se interessarem pelo tema, [tanto dentro das mais diversas subdivisões por geográficas, etárias ou socioeconômicas dentro do estrato LGBTQIAPN+ brasileiro.](#)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Adriana; KRAMBECK, Rafael. **Uma Festa Baphônica no Twitter:** Narrativa de si e apropriação de linguagem nas construções identitárias da personagem Katylene e seu criador a partir do caso da hashtag #KatyBDay. *Sessões do Imaginário*, Porto Alegre, Editora PUCRS, p. 78-86, n.32 2014. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/famecos/article/view/17970>> Acesso em: 10 de dezembro de 2022.
- ANDRADE, Karylleila dos Santos *at al.* **Bajubá:** linguagem de grupo LGBTTT como representação sócio-histórica e cultural. *Revista Desafios*, 5, n. 4, 2018. DOI: <https://betas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/5744>. Acesso em 02 maio de 2024.
- ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética.** São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1959.
- BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro.** São Paulo: Parábola, 2009.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico.** São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V.N. **Marxismo e filosofia da linguagem** (1929). São Paulo: Cultrix, 1981.
- BENISTE, José. **Dicionário Yorubá – Português.** São Paulo: Bertrand, 2011.
- BARBOSA, Maria Aparecida. **Dicionário, vocabulário, glossário:** concepções. In: ALVES, Ieda Maria (org.). *A Constituição da normalização terminológica no Brasil*, 2. ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística:** teoria lexical e linguística computacional. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **O léxico.** In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As ciências do léxico:** lexicologia, terminologia. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 1998.
- BIDERMAN, Maria Tereza. **Iniciação à Lexicologia:** subsídios para uma teoria da palavra. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2001.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo:** o Aurélio e o Houaiss. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (Orgs.). *As ciências do léxico:* lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande, MS: Ed. Da UFMS, 2004, p.185-200. V. II.

KRIEGER, Maria da Graça (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande, MS: Ed. Da UFMS, 2004, p.185-200. V. II.

BORBA, F.S. **Dicionário de Usos do Português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

BOWEN, J. Donald. **A múltiple register approach to teaching english**. In: Estudos linguísticos, v. I, n. 2. São Paulo, Centro de Linguística Aplicada/Instituto de Idiomas Yázigi, p.35-44. [Tradução: Da variação múltipla de registro no ensino de inglês. In: SOARES, Magda (org.). **Didática de português**. Belo Horizonte.: Opus, 1972. p.101-114.]

BRAGANÇA, Lucas. **Degenerando formatos midiáticos e construções sociais**: RuPaul's Drag Race e mercantilização de espaços dissidentes. Revista de Audiovisual Sala 206, n. 07, 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMPOS, Maria Teresa Cardoso de. **Telenovela brasileira e Indústria Cultural**. In: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. Vol. XXV, n. 1, janeiro a junho de 2002.

CARVALHO, Dannel da Silva; ALMEIDA, Rafael Gurgel. **Autopercepção e identidade linguística em comunidades de prática gays em Salvador, Bahia**. Sociodialetto, v. 7, p. 82-98, 2017.

CARVALHO, Ana M. **Rumo a uma definição do português uruguaio**. Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana (RILI) volume. I,(2). Madri: editorial Vervuert. p.125-149. 2003.

CEGALLA, D.P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 45ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. **A Metodologia Científica**. 4 ed. São Paulo: Makron Books, 2002.

COELHO, F.A. **Manual Etymologico da Lingua Portugueza**, Lisboa, P. Pantier – Editor, 1880.

COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

COHEN, Jean; BREMOND **Teoria da figura in: Pesquisa de Retórica.** Tradução de Leda P Claude entre outros. into Mafra Iruzun. Petrópolis: Vozes, 1975.

COULTHARD, Malcolm. **Linguagem e sexo.** São Paulo: Ática, 2001.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo.** 6ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

DUBOIS, Jean. **Dicionário de Linguística.** São Paulo: Cultrix, 1978.

FACCHINI, Regina. **Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico.** Cad. AEL, v. 10, n. 18. 2003.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FERGUSON, Charles A. Diglossia. Trad. Maria da Glória Ribeiro da Silva. *In:* FONSECA, Maria Stella V.; NEVES, Moema F. (orgs.). **Sociolingüística.** Rio de Janeiro: Eldorado, p. 99-118, 1974 *apud* LAGARES, Xoán Carlos. **Qual política linguística? Desafios glotopolíticos contemporâneos.** São Paulo: Parábola, 2018.

FERRAZ, Deivid Luiz de Souza *et al.* **A fala de gays sertanejos: aproximações e distanciamentos discursivos de duas gerações.** Rev. Bagoás – Estudos gays: Gêneros e Sexualidades, 10, p. 203-222, 2017.

FIORIN, José Luiz. **Introdução à Linguística: objetos teóricos.** In: FIORIN, J. L. **Teoria dos signos.** São Paulo: Contexto, 2005.

FOUCAULT. Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

GOMES, Ricardo. **Pink Money ou Pinkwashing?.** Câmara LGBT. 2018. Disponível em:< <https://camaralgbt.com.br/pink-money-ou-pinkwashing/> >. Acesso em: 04 ago. 2022.

GOMES, V. B. de S. **O ritual da umbanda.** Rio de Janeiro, Ediouro, 1989.

HALLIDAY, M.A.K. **An Introduction to Funcional Grammar** (2ª ed.) London: Edward Arnold, 1994.

GREEN, James N. **Além do Carnaval: homossexualidade masculina no Brasil do século XX.** 2. ed. Tradução: Cristina Fino, Cássio Arantes Leite. São Paulo: Unesp, 2019.

HALLIDAY, M. A.K.; McINTOSH, Angus; STREVEN, Peter. **As ciências linguísticas e o ensino de línguas.** Petrópolis: Vozes, 1974.

HOLANDA, Aurélio Buarque. **Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** 8ª ed. São Paulo: Editora Positivo, 2010.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

HUDSON, R.A. **Sociolinguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

HYLAND, K. **Persuasion and contexto: the pragmatics of academic metadiscourse**. *Journal of pragmatics*, n.30, p. 437-455m, 1998.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa**. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2001.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2001.

JUNIOR, João Gomes. **O pajubá como tecnologia linguística na constituição de identidades e resistências de travestis**. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, v. 14, n. 43, p. 300-314, 2021.

KOCH, Ingedore G. V; TRAVAGLIA, L.C. **Texto e coerência**. 13. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LAGARES, Xoán Carlos. **Qual política linguística? Desafios glotopolíticos contemporâneos**. São Paulo: Parábola, 2018.

LEITE, M.Q. **Preconceito e Intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

LIMA, Décio M de. **Os homoeróticos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
BARBOSA FILHO, Fábio Ramos, OTHERO, Gabriel de Ávila. **ORG. Linguagem “neutra”**: língua e gênero em debate. 1 ed. – São Paulo: Parábola, 2022.

LOPES, Edward. **Fundamentos da Linguística Contemporânea**. 14 ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

LUCAS LIMA, Carlos Henrique. **Linguagens Pajubeyras: Re(ex)istência cultural e subversão da heteronormatividade**. Salvador, BA: Editora Devires, 2017.

LUCCHESI, Dante. **A diferenciação da língulabova portuguesa no Brasil e o contato entre línguas**. *Estudos de Lingüística Galega*, v. 4, p. 45-64, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. 5. ed. São Paulo: Editora Afiliada, 2003.

MOLLICA, Maria Cecília, BRAGA, Maria Luiza, (orgs) **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. Ed. São Paulo: Contexto, 2019.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Editorial Ariel, 2005.

MARTINS, Dileta S.; ZILBERKNOP, Lúbia S. **Português Instrumental**. 29ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MATORÉ, G. **La méthode en lexicologie: domaine français**. Nouv. éd. Paris: Didier, 1973.

MOTT, Luiz. **Homossexuais da Bahia: Dicionário Biográfico**. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 1999.

NASCIMENTO, Maria Evany do; OLIVEIRA, Valdemir. **Metodologia do Estudo e do Trabalho Científico**. Manaus: UEA Edições, 2016.

OLIVEIRA, Fernando A. de. **A influência da linguagem do candomblé no falar dos homossexuais: a língua como resistência**. Rev. Miguilim, João Pessoa, Editora UFPB, p. 3-12.2012.

ORTIZ ALVAREZ. M.L. **Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações par ao ensino de português como língua estrangeira**. 334f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

PALOMINO, Érika. **Babado Forte: moda, música e noite na virada do século 21**. São Paulo: Mandarim, 1999.

PERINI, M. A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.

PODESVA, Robert J; ROBERTS, Sara J; CAMPBELL-KIBLER, Kathryn. **Sharing Resources and Indexing Meanings in the Production of Gay. Language and Sexuality: Contesting Meaning in Theory and Practice**. Panamá, 2001.

PRETI, Dino. **Estudos de língua oral e escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

RICOEUR, Paul. **A metáfora viva**. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000.

RODRIGUES, André Iribure. **As representações das homossexualidades na publicidade e propaganda veiculadas na televisão brasileira: um olhar contemporâneo das últimas três décadas**. 2008. 309 p. Tese de doutorado pela UFRGS.

RODRIGUES, N. **Os africanos no Brasil**. Revisão e prefácio de Homero Pires. Notas bibliográficas de Fernando Sales. São Paulo: Nacional, 1932.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 6ª Ed. São Paulo: Cultrix, 1970.

SANTOS, Moara de Medeiros Rocha; ARAUJO, Tereza Cristina Cavalcanti Ferreira de. **Desenvolvimento da identidade de gênero em casos de intersexualidade: contribuições da Psicologia.** 2006. 246 f. Tese de doutorado em psicologia. Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

SILVA NETO, S. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil.** Rio de Janeiro: Presença, 1963 [1950].

STURZA, Eliana Rosa. **Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas lingüísticas nas fronteiras brasileiras.** Ciência e Cultura, v. 57, n. 2, p. 47-50, 2005.

TARALLO, Fernando. **Pesquisa Sociolinguística.** 8ª Ed. São Paulo: 2007

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus.** São Paulo: Cortez, 2002.

TREVISAN, J.S. **Devassos no paraíso.** Edição revista ampliada. Rio de Janeiro: Record, 2000.

WEEDWOOD, Bárbara. **História Concisa da Linguística.** São Paulo: Parábola editorial, 2002.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

VILELA, Mário. **Lexicologia e semântica.** Estudos de Lexicologia do Português. Coimbra: Almedina, 1994.

VIP, Ângelo; LIBI, Fred. **Aurélia – A Dicionária da Língua Afiada –** São Paulo, Editora do Bispo.

XAVIER, I. M.; LEITE, J.L.; BRAGA, G.M.; NUNES, P.H.S. **Enfermagem e AIDS: saber e paradigma.** Ribeirão Preto: Revista Latino Americana de Enfermagem, v. 5, n. 1, p. 65, 1997.